



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ROMANCES

J. de Alencar

A VIUVINHA

—

CINCO MINUTOS



RIO DE JANEIRO

Typ. do CORREIO MERCANTIL, rua da Quitanda n. 55.

—
1860

Este livro foi escripto pelo autor ha tres annos. A **VIUVINHA** é a reprodução de um folhetim publicado no *Diario do Rio*. Os **CINCO MINUTOS** é uma segunda edição.

Rio. — Janeiro de 1860.

O EDITOR.

A VIUVINEA

ROMANCE

A D.***

Janeiro de 1857.

I.

Se passasse ha dez annos pela praia da Gloria, minha prima, antes que as novas ruas que se abrirão tivessem dado um ar de cidade ás lindas encostas do morro de Santa Theresa, veria de longe sorrir-lhe entre o arvoredado, na quebrada da montanha, uma casinha alva de quatro janellas com um pequeno jardim na frente.

Ao cahir da tarde havia de descobrir na ultima das janellas o vulto gracioso de uma menina que ahi se conservava immovel até 6 horas, em que, retirando-se ligeiramente, vinha pela portinha do jardim encontrar-se com um moço que subia a ladeira, e offerecer-lhe modestamente a fronte, onde elle pousava um beijo de amor tão casto que parecia antes um beijo de pai.

Depois, com as mãos entrelaçadas, ião ambos sentar-se a um canto do jardim, onde a sombra era mais espessa, e ahi conversavão baixinho um tempo esquecido: ouvia-se apenas o doce murmurio das vozes, interrompidas por esses momentos de silencio em que a alma emmudece,

por não achar no vocabulo humano outra linguagem que melhor a exprima.

O arrulhar destes dous corações virgens durava até 8 horas da noite, quando uma senhora de certa idade chegava a uma das janellas da casa, já então illuminada, e debruçando-se um pouco dizia com a sua voz doce e affavel :

— Olha o sereno, Carolina!

A estas palavras os dous amantes se erguião, atravessavão o pequeno espaço que os separava da casa, e subião os degrãos da porta, onde erão recebidos pela senhora que os esperava.

— Boa noite, D. Maria, dizia o moço.

—Boa noite, Sr. Jorge; como passou? respondia a boa senhora.

A sala da casinha era simples e pequena, mas muito elegante; tudo nella respirava esse aspecto alegre e faceiro que ri-se com a vista.

Ahi nessa sala passavão as tres pessoas de que lhe fallei um desses serões de familia, intimos e tranquillos, como já não os ha talvez nessa bella cidade do Rio de Janeiro, invadida pelos usos e costumes estrangeiros.

Os dous moços sentavão-se ao piano; as mãosinhas distrahidas da menina roçavão apenas pelo teclado, fazendo soar uns ligeiros arpejos que servião de acompanhamento a uma conversação em meia voz.

D. Maria, sentada á mesa do meio da sala, jogava a paciencia; e quando levantava a vista das cartas era para olhar a furto os dous moços e sorrir-se de satisfeita e feliz.

Isto durava até a hora do chá; e pouco depois Jorge retirava-se, beijando a mão da boa senhora, que neste

momento tinha sempre uma ordem a dar e fingia não ver o beijo de despedida que o moço imprimia na fronte candida da menina.

Agora, minha prima, se quer saber o segredo da scena que lhe acabei de descrever, scena que se repetia todas as tardes havia um mez, dê-me alguns momentos de attenção, que vou satisfaze-la.

Este moço que designei com o nome de Jorge, e que realmente tinha outro nome, em que de certo ha de ter ouvido fallar, era o filho de um negociante rico que fallecêra, deixando-o orphão em tenra idade: seu tutor, velho amigo de seu pai, zelou a sua educação e a sua fortuna, como homem intelligente e honrado que era.

Chegando á maioridade Jorge tomou conta de seu avultado patrimonio e começou a viver essa vida dos nossos moços ricos, os quaes pensão que gastar o dinheiro que seus pais ganhárão é uma profissão sufficiente para que se dispensem de abraçar qualquer outra.

Temos infelizmente muitos exemplos dessa esterilidade a que se condemnão homens que pela sua posição independente podião aspirar a um futuro brilhante.

Durante tres annos o moço entregou-se a esse delirio do gozo que se apodera das almas ainda jovens; saciou-se de todos os prazeres, satisfez todas as vaidades.

As mulheres lhe sorrirão, os homens o festejarão; teve amantes, luxo e até essa gloria ephemera, aureola passageira que brilha algumas horas para aquelles que pelo seus vicios e pelas suas extravagancias excitão um momento a curiosidade publica.

Felizmente, como quasi sempre succede, no meio das sensações materiaes, a alma se con-ervára pura; envolta

ainda na sua virgindade primitiva, dormira todo o tempo em que a vida parecia ter-se concentrado nos sentidos, e só despertou quando, fatigado pelos excessos do prazer, gasto pelas emoções repetidas de uma existencia desregrada, o moço sentiu o tédio e o aborrecimento, que é a ultima phase dessa embriaguez do espirito.

Tudo que até então lhe parecêra côr de rosa tornou-se insipido e monotonico; todas essas mulheres que cortejára, todas essas loucuras que o excitárão, todo esse luxo que o fascinára, causavão-lhe repugnancia; faltava-lhe um quer que seja, sentiu um vacuo immenso; elle, que antes não podia viver senão em sociedade e no bulicio do mundo, procurava a solidão.

Uma circumstancia bem simples modificou a sua existencia.

Levantou-se um dia dêpois de uma noite de insomnia, em que todas as recordações de sua vida desregrada, todas as imagens das mulheres que o havião seduzido, perpassárão como phantasmas pela sua imaginação, atirando-lhe um sorriso de zombaria e de escarneo.

Abriu a janella para aspirar o ar puro e fresco da manhã, que vinha rompendo.

Dahi a pouco o sino da igréginha da Gloria começou a repicar alegremente; esse toque argentino, essa voz prasenteira do sino, causou-lhe uma impressão agradável.

Vierão-lhe tentações de ir á missa.

A manhã estava lindissima, o céu azul e o sol brilhante; quando não fosse por espirito de religiosidade, excitava-o a idéa de um bello passeio a um dos logares mais pittorescos da cidade.

II.

Alguns instantes depois Jorge subia a ladeira e entrava na igreja.

A modesta simplicidade do templo impôz-lhe respeito; ajoelhou; não rezou, porque não sabia, mas lembrou-se de Deus, e elevou o seu espirito desde a miséria do homem até a grandeza do Creador.

Quando ergueu-se parecia-lhe que se tinha libertado de uma oppressão que o fatigava; sentia um bem-estar, uma tranquillidade de espirito indefinível.

Nesse momento viu ajoelhada ao pé da grade que separa a capella uma menina de 15 annos, quando muito: o perfil suave e delicado, os longos ciliós que vendavão seus olhos negros e brilhantes, as tranças que realçavão a sua frente pura, o impressionárão.

Começou a contemplar aquella menina como se fosse uma santa; e, quando ella levantou-se para retirar-se com sua mãe, seguiu-a insensivelmente até a casa que já lhe descrevi, porque esta moça era a mesma de que lhe fallei, e sua mãe D. Maria.

Escuso contar-lhe o que se passou depois. Quem não sabe a historia simples e eterna de um amor innocente, que começa por um olhar, passa ao sorriso, chega ao aperto de mão ás escondidas, e acaba afinal por um

beijo e por um sim, palavras synonymas no dictionario do coração?

Dous mezes depois desse dia começou aquella visita ao cahir da tarde, aquella conversa á sombra das arvores, aquella serão de familia, aquella doce intimidade de um amor puro e tranquillo.

Jorge esperava apenas esquecer de todo a sua vida passada, apagar completamente os vestigios desses tempos de loucura, para casar-se com aquella menina, e dar-lhe a sua alma pura e sem mancha.

Já não era o mesmo homem : simples nos seus habitos e na sua existencia, ninguem diria que algum tempo elle tinha gozado de todas as voluptuosidades do luxo; parecia um moço pobre e modesto, vivendo do seu trabalho e ignorando inteiramente os commodos da riqueza.

Como o amor purifica, D.***! Como dá forças para vencer instinctos e vicios contra os quaes a razão, a amizade e os seus conselhos severos forão impotentes e fracos!

Creia que se algum dia me mettesse a estudar as altas questões sociaes que preoccupão os grandes politicos havia de cogitar alguma cousa sobre essa força invencivel do mais nobre dos sentimentos humanos.

Não ha ahi um systema engenhoso que pretende regenerar o homem pervertido, fazendo-lhe germinar o arrependimento por meio da pena e despertando-lhe os bons instinctos pelo isolamento e pelo silencio?

Por que razão ha de procurar-se aquillo que é contra a natureza e desprezar-se o germen que Deus deu ao coração do homem para regenera-lo e purifica-lo?

Perdão, minha prima; não zombe das minhas utopia

sociaes; desculpe-me esta distracção: volto ao que sou — simples e fiel narrador de uma pequena historia.

Em amor dous mezes depressa se passão; os dias são momentos agradaveis e as horas flôres que os amantes desfolhão sorrindo.

Por fim chegou a vespera do casamento, que se devia fazer simplesmente em casa, na presença de um ou dous amigos: o moço, fatigado dos prazeres ruidosos, fazia agora de sua felicidade um mysterio.

Nem um dos seus conhecidos sabia de seus projectos: occultava o seu thesouro, com medo que lh'o roubassem; escondia a flôr de sentimento que tinha dentro d'alma, receiando que o bafejo do mundo onde vivêra a viesse crestar.

A noite passou-se simplesmente como as outras: apenas notava-se em D. Maria uma actividade que não lhe era habitual.

A boa senhora, que exigira como condição que seus dous filhos ficassem morando com ella para alegrarem a sua solidão e a sua viuvez, temia que alguma coisa faltasse á festa simples e intima que devia ter logar no dia seguinte.

De vez em quando erguia-se e ia ver se tudo estava em ordem, se não havia esquecido alguma coisa; e parecia-lhe que voltava aos primeiros annos de sua infancia, repassando na memoria esse dia, que uma mulher não esquece nunca.

Nelle se passa o maior acontecimento de sua vida: ou realiza-se um sonho de ventura, ou murcha para sempre uma esperanza querida que se guarda no fundo do coração; pôde ser o dia da felicidade ou da desgraça, mas é sempre uma data notavel no livro da vida.

No momento da partida, quando Jorge levantou-se, D. Maria, que comprehendia o que essas duas almas tinham necessidade de dizer-se mutuamente, retirou-se.

Os dous amantes apertarão-se as mãos e olhárão-se com um desses olhares longos, fixos e ardentes que parecem embeber a alma nos seus raios limpídos e brilhantes.

Tinhão tanta cousa a dizer e não proferião uma palavra; foi só depois de um comprido silencio que Jorge murmurou quasi imperceptivelmente:

— Amanhã!....

Carolina sorriu enrubecendo; aquelle *amanhã* exprimia a felicidade, a realização desse bello sonho côr de rosa que havia durado dous mezes; a linda e innocente menina, que amava com toda a pureza de sua alma, não tinha outra resposta.

Sorriu e corou.

Jorge desceu lentamente a ladeira e ao quebrar a rua voltou-se ainda uma vez para lançar um olhar á casa.

Uma luz brilhava nas trevas entre as cortinas do quarto de sua noiva; era a estrella do seu amor, que brevemente devia transformar-se em *lua de mel*.

III.

Deve fazer uma idéa, minha prima, do que será a vespera do casamento para um homem que ama.

A alma, a vida, pousa no umbral dessa nova existencia que se abre, e dahi lança um volver para o passado e procura devassar o futuro.

Aquem a liberdade, a isenção, a tranquillidade de espirito, que se despedem do homem; além a família, os gozos intimos, o lar domestico, esse sanctuario das verdadeiras felicidades do mundo, que acenão de longe.

No meio de tudo isto, a duvida e a incerteza, essas inimigas dos prazeres humanos, vêm agitar o espirito e tôldar o céu brilhante das esperanças que sorriem.

O futuro valerá o passado?

E nessa questão louca e insensata debate-se o pensamento, como se a prudencia e a sabedoria humana pudessem dar-lhe uma solução, como se os calculos da previdencia fossem capazes de resolver o problema.

E' isto pouco mais ou menos o que se passava no espirito de Jorge quando caminhava pela praia da Gloria seguindo o caminho de sua casa.

Davão 10 horas no momento em que o moço chegava á rua de Matacavallos, á porta de um pequeno

sobrado, onde habi'ava depois da sua retirada do mundo.

Ao entrar o escravo preveniu lhe que uma pessoa o esperava no seu gabinete; o moço subiu apressadamente e dirigiu-se ao logar indicado.

A pessoa que lhe fazia essa visita fóra de horas era seu antigo tutor, o amigo de seu pai, a quem por algum tempo substituiu com a sua amizade sincera e verdadeira.

O Sr. Almeida era um velho de tempera antiga, como se dizia ha algum tempo a esta parte; os annos haviam augmentado a gravidade natural de sua phisionomia.

Conservava ainda toda a energia do character, que se revelava na vivacidade do olhar e no porte firme de sua cabeça calva.

— A sua visita a estas horas. disse o moço entrando.

— Admira-o? perguntou o Sr. Almeida.

— Certamente; não porque isto não me dê prazer; mas acho extraordinario.

— E com effeito o é: o que me trouxe aqui não foi o simples desejo de fazer-lhe uma visita.

— Então houve um motivo imperioso?

— Bem imperioso.

— Neste caso, disse o moço, diga-me de que se trata, Sr. Almeida; estou prompto a ouvi-lo.

O velho tomou uma cadeira, sentou-se á mesa que havia no centro do gabinete, e, approximando um pouco de si o candeeiro que esclarecia o aposento, tirou do bolso uma dessas grandes carteiras de couro da Russia, que collocou defronte de si.

O moço, preocupado por este ar grave e solemne, sentou-se em face e esperou com inquietação a decifração do enigma.

— Chegando a casa ha pouco entregáráo-me uma carta sua, em que me participava o seu casamento.

— Não o approva? perguntou o moço inquieto.

— Ao contrario, julgo que dá um passo acertado; e é com prazer que aceito o convite que me fez de assistir a elle.

— Obrigado, Sr. Almeida.

— Não é isto, porém, que me trouxe aqui; escute-me.

O velho recostou-se na cadeira, e, fitando os olhos no moço, considerou-o um momento, como quem procurava a palavra por que devia continuar a conversa.

— Meu amigo, disse o Sr. Almeida, ha cinco annos que seu pai falleceu.

— Trata-se de mim então? perguntou Jorge, cada vez mais inquieto.

— Do senhor e só do senhor.

— Mas o que succedeu?

— Deixe-me continuar. Ha cinco annos que seu pai falleceu; e ha tres que, tendo o senhor completado a sua maioridade, eu, a quem o meu melhor amigo havia confiado a sorte de seu filho, entreguei-lhe toda a sua herança, que administrei durante dous annos com o zelo que me foi possível.

— Diga antes com uma intelligencia e uma nobreza bem raras nos tempos de hoje.

— Não houve nada de louvavel no que pratiquei; cumpri apenas o meu dever de homem honesto e a promessa que fiz a um amigo.

— A sua modestia póde ser dessa opinião; porém a

minha amizade e o meu reconhecimento pensão diversamente.

— Perdão; não percamos tempo em cumprimentos. A fortuna que lhe deixára seu pai, e que elle ajuntára durante trinta annos de trabalho e de privações, consistia em cem apolices, e na sua casa commercial, que representava um capital igual, ainda mesmo depois de pagas as dividas.

— Sim, senhor, graças á sua intelligente administração, achava-me possuidor de 200:000\$, a que dei bem máo emprego, confesso.

— Não desejo fazer-lhe exprobrações; o senhor não é mais meu pupillo, é um homem; já não lhe posso fallar com a autoridade de um segundopai, e simplesmente com a confiança de um velho amigo.

— Mas um amigo que me merecerá sempre o maior respeito.

-- Infelizmente o senhor não tem dado provas disto: durante perto de um anno acompanhei-o como uma sombra, importunei-o com os meus conselhos, abusei dos meus direitos de amigo de seu pai, e tudo isto foi debalde.

— E' verdade, disse o moço abaixando tristemente a cabeça, para vergonha minha é verdade!

— A vida elegante o attrahia, a ociosidade o fascinava; o senhor lançava pela janella ás mãos cheias o ouro que seu pai havia ajuntado real a real.

— Basta; não me lembre esse tempo de loucura, que eu desejava riscar da minha vida.

— Conheço que o incommodo; mas é preciso. Durante este primeiro anno, em que ainda tive esperanças de o fazer voltar á razão, não houve meio que não empre-

gasse, não houve estratagemas de que não lançasse mão. Responda-me, não é exacto?

— Alguma vez o neguei?

— Digá-me do fundo da sua consciencia; julga que um pai no desespero podia fazer mais por um filho do que eu fiz pelo senhor?

— Juro que não! disse Jorge estendendo a mão.

— Pois bem; agora é preciso que lhe diga tudo.

— Tudo? . . .

— Sim; ainda não conclui. Os seus desvarios de tres annos arruinarão a sua fortuna.

— Eu o sei.

— As suas apolices voarão umas após outras, e forão consumidas em jantares, prazeres e jogos.

— Resta-me, porém, a minha casa commercial.

— Restava-lhe, continuou o velho carregando sobre esta palavra, a sua casa commercial; mas tres annos de má administração devião naturalmente ter influido no estado dessa casa.

— Parece-me que não.

— Sou negociante, e sei o que é o commercio. Depois que o vi finalmente voltar á vida regrada quiz occupar-me de novo dos seus negocios; indaguei, informei-me, e hontem terminei o exame da sua escripturação, que obtive de seus caixeiros quasi que por um abuso de confiança. O resultado tenho-o aqui.

O velho pousou a mão sobre a carteira.

— E então? perguntou Jorge com anciedade.

O Sr. Almeida, fitando no moço um olhar severo, respondeu lentamente á sua pergunta inquieta :

— O senhor está pobre!

IV.

Para um homem habituado aos commodos da vida, a essa descuidosa existencia da gente rica, que tem a chave de ouro que abre todas as portas, o talisman que vence todos os impossiveis, essa palavra *pobre* é a desgraça, é mais do que a desgraça, é uma fatalidade.

A miseria com o seu cortejo de privações e de desgostos, a humilhação de uma posição decahida, a terrivel necessidade de aceitar, se não a caridade, ao menos a benevolencia alheia, tudo isto desenhou-se com as côres mais carregadas no espirito do moço á simples palavra que seu tutor acabava de pronunciar.

Comtudo, como já se havia de alguma maneira preparado para uma vida laboriosa pelo tedio que lhe deixárão os seus annos de loucura, aceitou com uma especie de resignação o castigo que lhe dava a Providencia.

— Estou pobre, disse elle respondendo ao Sr. Almeida, não importa; sou moço, trabalharei, e como meu pai hei de fazer uma fortuna.

O velho abanou a cabeça com uma certa ironia misturada de tristeza.

— O senhor duvida? O meu passado dá lhe direito para

isso; mas um dia lhe provarei o contrario, e lhe mostrarei que mereço a sua estima.

— Esta promessa m'a restitue toda. Mas que conta fazer?

— Não sei; a noite me ha de inspirar. Liquidarei esse pouco que me resta....

— Esse pouco que lhe resta?

— Sim.

— Não me comprehendeu então; disse lhe que estava pobre: não lhe resta senão a miseria e....

— E..... balbuciou o moço pallido e com a alma suspensa aos labios do velho, cuja voz tinha tomado uma entonação solemne ao pronunciar aquelle monosyllabo.

— E as dividas de seu pai, articulou o Sr. Almeida no mesmo tom.

Jorge deixou-se cahir sobre a cadeira com desanimo; este ultimo golpe o prostrára; a sua energia não resistia.

O velho, cuja intenção real era impossivel de adivinhar, porque ás vezes tornava-se benevolo como um amigo e outras severo como um juiz, encarou-o por algum tempo com uma dureza de olhar inexprimivel:

— Assim, disse elle, eis um filho que herdou um nome sem mancha e uma fortuna de 200:000\$; e que, depois de ter lançado ao pó das ruas as gottas de suor da fronte de seu pai amassadas durante trinta annos, atira ao desprezo, ao escarneo e á irrisão publica esse nome sagrado, esse nome que toda a praça do Rio de Janeiro respeitava como o symbolo da honradez. Digame que titulo merece este filho?

— O de um miseravel e de um infame, disse Jorge levantando a cabeça: eu o sou! Mas a memoria de meu pai, que eu venero, não póde ser manchada pelos actos de um máo filho.

— O senhor bem mostra que não é negociante.

— Não é preciso ser negociante para comprehender o que é honra e probidade, Sr. Almeida.

— Mas é preciso ser negociante para comprehender até que ponto obriga a honra e a probidade de um negociante. Seu pai devia; em vez de saldar essas obrigações com a riqueza que lhe deixou, consumiu-a em prazeres; no dia em que o nome daquelle que sempre fez honra á sua firma for declarado fallido a sua memoria está deshonrada.

— O senhor é severo de mais, Sr. Almeida.

— Oh! não discutamos; penso desta maneira: não sou rico, mas procurarei salvar o nome de meu amigo da deshonra que seu filho lançou sobre elle.

— E o que me tocará a mim então?

— Ao senhor, disse o velho erguendo-se, fica-lhe a miseria, a vergonha, o remorso, e talvez que mais tarde o arrependimento.

A angustia e o desespero que se pintavão nas feições de Jorge tocavão quasi á allucinação e ao desvario; as vezes era como uma atonia que lhe paralysava a circulação, outras tinha impetos de fechar os olhos e atirar a materia contra a materia, para vêr se neste embate a dôr physica, a annullação do espirito, moderavão o profundo soffrimento que torturava sua alma.

Por fim uma idéa sinistra passou-lhe pela mente; e agarrou-se a ella como um naufrago a um destroço de seu navio: o desespero tem dessas coincidencias; um pensamento louco é as vezes um balsamo consolador, que, se não cura, adormece o padecimento.

O moço ficou de todo calmo; mas era essa calma

sinistra que se assemelha ao silencio que precede ás grandes tempestades.

Tudo isto se passou n'um momento, emquanto o Sr. Almeida, com o seu sorriso ironico, abotoava até a gola a sua sobrecasaca, dispondo se a sair.

— Estamos entendidos, senhor ; pôde mandar debitar-me nos seus livros pelas dividas de seu pai. Boa noite.

— Adeus, senhor.

O velho sahiu direito e firme como um homem no vigor da idade.

Jorge escutou o som de suas passadas, que ecoárão surdamente no soalho, até o momento em que a porta da casa fechou-se.

Então curvou a cabeça sobre o braço, apoiado ao umbral da janella, e chorou.

Quando um homem chora, minha prima, a dôr adquire um quer que seja de suave, uma voluptuosidade inexprimivel ; soffre-se, mas sente-se quasi uma consolação em soffrer.

Vós, mulheres, que chorais a todo o momento, e cujas lagrimas são apenas um signal de vossa fraqueza, não conheceis esse sublime requinte da alma que sente um allivio em deixar-se vencer pela dôr: não comprehendeis como é triste uma lagrima nos olhos de um homem.

Uma hora seguramente se passára depois da sahida do velho.

O relógio de uma das torres da cidade dava 2 horas.

Jorge conservou-se na mesma posição: immovel, com a cabeça apoiada sobre o braço, apenas se lhe percebia o abalo que produzia de vez em quando um soluço que o orgulho do homem reprimia, como que para occultar de si mesmo a sua fraqueza.

Depois nem isto; ficou inteiramente calmo, ergueu a cabeça e começou a passeiar pelo aposento: a dôr tinha dado lugar á reflexão; e elle podia emfim lançar um olhar sobre o passado, e medir toda a profundeza do abysmo em que ia precipitar-se.

Havia apenas duas horas que a felicidade lhe sorria com todas as suas côres mais brilhantes, que elle via o futuro atravez de um prisma fascinador; e poucos instantes tinham bastado para transformar tudo isto em uma miseria cheia de vergonha e de remorsos.

As oscillações da pendula, que na vespera respondião alegremente ás palpitações de seu coração, a bater com a esperança da ventura, resoavão agora tristemente, como os dobres monotonos de uma campa tocando pelos mortos.

Mas não era o pensamento dessa desgraça irreparavel, immensa, que tanto o affligia; os espiritos fortes, como o seu, teem para as grandes dôres um grande remedio, — a resignação.

A pobreza, não o acobardava; a deshonna, não a temia; o que dilacerava agora a sua alma era um pensamento cruel, uma lembrança terrivel:

— Carolina! ..

A pobre menina, que o amava, que dormia tranquillamente embalada por algum sonho prasenteiro, que esperava com a innocencia de um ajço e a paixão de uma mulher a hora dessa ventura suprema de duas almas a confundirem-se n'um mesmo beijo!

Podia elle, desgraçado, miseravel, escarnecido, illudir ainda por um dia esse coração e ligar essa vida de innocencia e de flôres á existencia de um homem perdido?

Não: seria um crime, uma infamia, que a nobreza de sua alma repellia: sentia-se bastante desgraçado, é verdade, mas essa desgraça era o resultado de uma falta, de uma bem grave falta, mas não de um acto vergonhoso.

O seu casamento, pois, não podia mais effectuar-se; o seu dever, a sua lealdade, exigião que confessasse a D. Maria e a sua filha as razões que tornavão impossivel esta união.

Sentou-se á mesa, e começou a escrever com uma especie de delirio uma carta á mãe de Carolina; mas, apenas havia traçado algumas linhas, a penna estacou sobre o papel.

— Seria mata-la! balbuciou elle.

Outra idéa lhe viera ao espirito; lembrou-se que no estado a que tinhão chegado as cousas essa ruptura

havia de necessariamente prejudicar a reputação de sua noiva.

Elle seria causa de que se concebesse uma suspeita sobre a pureza dessa menina, que havia respeitado como sua irmã, embora a amasse com uma paixão ardente; e este só pensamento paralyzára a sua mão sobre o papel.

Recordou-se de que D. Maria um dia lhe havia dito:

— Jorge, a confiança que tenho na sua lealdade é tal que lhe entreguei minha filha antes de pertencer-lhe. Lembre-se que se o senhor mudasse de idéa, embora ella esteja pura como um anjo, o mundo a julgaria uma moça illudida. Espero que respeite em sua noiva a sua futura mulher.

E o moço reconhecia quanto D. Maria t nha razão; lembrava-se, no tempo de sua vida brilhante, que commentarios não fazião seus amigos sobre um casamento rompido ás vezes pelo motivo o mais simples.

Deixar pesar a sombra de uma suspeita sobre a pureza de Carolina era cousa que o seu espirito nem se animava a conceber; mas illudir a pobre menina arrastando-a a um casamento desgraçado era uma infamia.

Durante muito tempo o seu pensamento debateu-se nesta alternativa terrivel, até que uma idéa consoladora veio restituir-lhe a calma.

Tinha achado um meio de tudo conciliar; um meio de satisfazer ao sentimento do seu coração e aos prejuizos do mundo.

Qual era este meio? Elle o gardou comsigo, e o concentrou no fundo d'alma: apenas um triste sorriso dizia que elle o havia achado, e que sobre a dôr

profunda que enchia o coração ainda pairava um sopro consolador.

Toda a noite se passou nesta luta íntima.

De manhã o moço sahiu e foi ver Carolina, para receber um sorriso que lhe dêsse forças de resistir ao soffrimento.

A menina na sua ingenua afeição apercebeu-se da pallidez do moço, mas attribuiu-a a motivo bem diverso do que era realmente.

— Não dormiste, Jorge ? perguntou ella.

— Não.

— Nem eu ! disse corando.

Ella cuidava que era só a felicidade que trazia essas *noites brancas*, que devião depois dourar-se aos raios do amor.

Como se enganava !

De volta Jorge dispoz tudo que era necessario para seu casamento, e fechou-se no seu quarto até a tarde.

VI.

Quatro pessoas se achavão reunidas na sala da casa de D. Maria.

O Sr. Almeida, sempre grave e sisudo, conversava no vão de uma janella com um outro velho, militar reformado, cuja unica occupação era dar um passeio á tarde e jogar o seu voltarete.

O honrado negociante estava vestido em traje de cerimonia, e machucava na mão esquerda um par de luvas de pellica branca, indício certo de alguma grande solemnidade, como casamento ou baptizado.

Os dous conversavão sobre o projecto do desmoronamento do morro do Castello, projecto que julgavão devia estender-se a todos os morros da cidade: era um ponto este em que o rheumatismo do Sr. Almeida e uma antigá ferida do militar reformado se achavão perfeitamente de accordo.

As outras duas pessoas erão um sacerdote respeitavel e uma encantadora menina, que esperavão sentados no sofá a chegada de Jorge.

— Quando será o seu dia? dizia sorrindo o padre.

— E' cousa em que nem penso! respondia a moça com um gracioso gesto de desdem.

— Ande lá! Ha de pensar sempre alguma vez.

— Pois não!

E dizendo isto a menina suspirava, minha prima, como suspirão todas as mulheres em dia de casamento: umas desejando, outras lembrando-se, e muitas arrependendo-se.

A um lado da sala estava armado um oratorio simples: um Christo, alguns cyrios e dous ramos de flôres bastavão á religião do amor, que tem as galas e as pompas do coração.

Jorge chegou ás 5 horas e alguns minutos.

O Sr. Almeida apertou-lhe a mão com a mesma impassibilidade costumada, como se nada se tivesse passado entre elles na vespera.

Um observador, porém, teria reparado no olhar perscrutador que o negociante lançou ao moço, como procurando ler-lhe na physionomia um pensamento occulto.

O padre revestiu-se dos seus habitos sacerdotaes; e Carolina appareceu na porta da sala guiada por sua mãe.

Dizem que ha um momento em que toda a mulher é bella, em que um reflexo illumina o seu rosto e dá-lhe esse brilho que fascina; os francezes chamão a isto—*la beauté du diable*.

Ha tambem um momento em que as mulheres bellas são anjos, em que o amor casto e puro lhes dá uma expressão divina; eu, bem ou mal, chamo a isto—*a belleza do céo*.

Carolina estava em um desses momentos; a felicidade que irradiava no seu semblante, o rubor de suas faces, o sorriso que adejava nos seus labios como o nuncio desse monosyllabo que ia resumir todo o seu amor, davão-lhe uma graça feiticeira.

Envolta nas suas roupasalvas, no seu véo transparente preso á corôa de flôres delarangeira, os seus olhos negros scintillavão com um fulgor brilhante entre aquella nuvem diaphana de rendas e sedas.

Jorge adiantou-se pallido, mas calmo, e, tomando a mão de sua noiva, ajoelhou-se com ella aos pés do sacerdote.

A cerimonia começou.

No momento em que o padre disse a pergunta solemne, essa pergunta que prende toda a vida, o moço estremeceu; fez um esforço e quasi imperceptivelmente respondeu. Carolina, porém, abaixando os olhos e corando, sentiu que toda a sua alma vinha pousar-lhe nos labios com essa doce palavra:

— Sim ! murmurou ella.

A benção nupcial, a benção de Deus, desceu sobre essas duas almas, que se ligavão e se confundião.

Pouco depois desaparecêrão os adornos da cerimonia, e na sala ficarão apenas algumas pessoas que festejavão em uma reunião de amigos e de familia a felicidade de dous corações.

Jorge ás vezes esforçava-se por sorrir; mas esse sorriso não illudia sua noiva, cujo olhar inquieto se fitava no seu semblante.

Entretanto a alegria de D. Maria era tão expansiva; o velho militar contava anedotas tão desengraçadas e tão chilras, que todos erão obrigadós a rir e a se mostrar satisfeitos.

Jorge mesmo á força de vontade conseguiu dar ao seu rosto uma expressão alegre, que desvaneceu em parte a inquietação de Carolina.

Centudo havia nessa reunião uma pessoa a quem o

moço não podia esconder o que se passava na sua alma e que lia no seu rosto como em um livro.

Era o Sr. Almeida, que ás vezes tornava-se pensativo como se combinasse alguma idéa que começava a esclarecer-lhe o espirito; sabia que a sua presença era naquelle momento uma tortura para Jorge, mas não se resolvia a retirar-se.

Derão 10 horas, termo sacramental das visitas de familia; passar além só é permittido aos amigos intimos: é verdade que os namorados, os massantes e os jogadores de voltarete costumão usurpar este direito.

Todas as pessoas levantarão-se, pois, e se dispuzerão a retirar-se.

O negociante, tomando Jorge pelo braço, afastou-se um pouco.

— Estimei, disse elle, que a nossa conversa de hon-tem não influisse sobre a sua resolução.

O moço estremeceu.

— Era uma cousa a que estava obrigada a minha honra, mas....

O Sr. Almeida esperou a palavra, que não cahiu dos labios de Jorge. O moço tinha empallidecido.

— Mas?... insistiu elle.

— Queria dizer que não sou tão culpado como o senhor pensa; talvez breve tenha a prova.

O negociante sorriu.

— Boa noite, Sr. Jorge.

O moço comprimintou-o friamente.

As outras visitas tinham sahido, e D. Maria, sorrindo á sua filha, retirou-se com ella.

VII

Erão 11 horas da noite.

Toda a casa estava em silencio.

Algumas luzes esclarecião ainda uma das salas interiores, que fazia parte do aposento que D. Maria destinára a seus dous filhos.

Jorge, em pé no meio desta sala, de braços cruzados, fitava um olhar de profunda angustia em uma porta envidraçada, atravez da qual se vião suavemente esclarecidas as alvas sanefas da cortina.

Era a porta do quarto de sua noiva.

Duas ou tres vezes dera um passo para dirigir-se áquella porta, e hesitára; temia profanar o sanctuario da virgindade; julgava-se indigno de penetrar naquelle templo sagrado de um amor puro e casto.

Finalmente tentou um esforço supremo; revestiu-se de toda a sua coragem, e atravessou a sala com um passo firme, mas lento e surdo.

A porta estava apenas cerrada; tocando-a com a sua mão tremula, o moço abriu uma fresta e correu o olhar pelo aposento.

Era um elegante gabinete forrado com um lindo papel de azul celeste, tapessado de lã de côres mortas; das

janellas pendião alvas banbinellas de cassa, suspensas ás lanças douradas.

A mobilia era tão simples e tão elegante como o aposento : dous consolos de marmore, uma conversadeira, algumas cadeiras, e o leito nupcial, que se envolvia nas longas e alvas cortinas, como uma virgem no seu véo de castidade.

Era, pois, um ninho de amor este gabinete, em que o bom gosto a elegancia e a singeleza tinham imprimido um cunho de graça e distincção que bem revelava que a mão do artista fôra dirigida pela inspiração de uma mulher.

Carolina estava sentada a um canto da conversadeira, a alguns passos do leito, no vão das duas janellas; tinha a cabeça descansada sobre o recosto e os olhos fitos na porta da sala.

A menina trajava apenas um alvo roupão de cambraia atacado por alamares feitos de laços de fita côr de palha; o talhe do vestido, abrindo-se desde a cintura, deixava entrever o seio delicado, mal encoberto por um ligeiro véo de renda finissima.

A indolente posição que tomára fazia sobresahir toda a graça do seu corpo, e desenhava as voluptuosas ondulações dessas fórmas encantadoras, cuja mimosa carnacão percebia-se sob a transparencia da cambraia.

Seus longos cabellos castanhos de reflexos dourados, presos negligentemente, deixavão cair alguns aneis que se espreguiçavão languidamente sobre o collo avelludado, como se sentissem o extasi desse contacto lascivo.

Descansava sobre uma almofada de velludo a ponta de um pesinho delicado, que rocegando a orla do seu roupão deixava admirar a curva graciosa que se perdia na sombra.

Um sorriso, ou antes um enlevo, frisava os lábios entreabertos; os olhos fixos na porta vendavão-se ás vezes com os seus longos eilhos de seda, que eerrando-se davão uma expressão ainda mais languida ao seu rosto.

Foi em um desses momentos que Jorge entreabriu a porta e olhou: nunca vira a sua noiva tão bella, tão eheia de eneanto e de seducção.

E entretanto elle, seu marido, seu amante, que ella esperava; elle, que tinha a felicidade alli, junto de si, sorriu amargamente, como se lhe houvessem enterrado um punhal no coração.

Abriu a porta, e entrou.

A moça teve um leve sobresalto; e, dando com os olhos no seu amante, ergueu-se um pouco sobre a conversa-deira, tanto quanto bastou para tomar-lhe as mãos e engolfar-se nos seus olhares.

Que muda e santa linguagem não fallavão essas duas almas embebendo-se uma na outra! Que delieia e que felicidade não havia nessa mutua transmissão da vida entre dous corações que palpitavão um pelo outro!

Assim fleárão tempo esqueido; ambos vivião uma mesma vida, que se communicava pelo fluido do olhar e pelo contacto das mãos: pouco a pouco as suas cabeças se approximárão, os seus halitos se confundirão, os labios ião tocar-se.

Jorge afastou-se de repente, como se sentísse sobre a sua boea um ferro em brasa; desprendeu as mãos, e sentou-se pallido e livido como um morto.

A menina não reparou na pallidez de seu marido; toda entregue ao amor, não tinha outro pensamento, outra idéa.

Deixou calir a cabeça sobre o hombro de Jorge; e, sentindo as palpitacões do seu coração sobre o seio,

achava-se feliz, como se elle lhe fallasse, lhe olhasse e lhe sorrisse.

Foi só quando o moço, erguendo docemente a fronte da menina, a depoz sobre o recosto da almofada, que Carolina olhou seu amante com surpresa, e viu que alguma cousa se passava de extraordinario.

— Jorge, disse ella com a voz tremula e cheia de angustias, tu não me amas.

— Não te amo! exclamou o moço tristemente; se tu soubesses de que sacrificios é capaz o amor que te tenho!...

— Oh! não, continuou a moça abanando a cabeça; tu não me amas! Vi-te todo o dia triste; pensei que era a felicidade que te fazia serio, mas enganei-me.

— Não te enganaste, não, Carolina, era a tua felicidade que me entristecia.

— Pois então sabe que a minha felicidade está em te ver sorrir. Vamos, não me ames hoje menos do que me amavas ha dous mezes!

— Ha dous momentos, Carolina, em que o amor é mais do que uma paixão, é uma loucura; é o momento em que se possuiu ou aquelle em que se perde o objecto que se ama.

A menina corou e abaixou os olhos sobre o tapete.

— Dize-me, tornou ella para disfarçar a sua confusão, o que sentiste hoje no momento em que as nossas duas mãos se unirão sob a benção do padre?

Jorge estremeceu, e ia soltar uma palavra que reteve; depois disse com algum esforço:

— A felicidade, Carolina.

— Pois eu senti mais do que a felicidade; quando nossas mãos se união tantas vezes e que nós conversavamos horas e horas eu era bem feliz; mas hoje

quando ajoelhámos não sei o que se passou em mim; parecia-me que tudo tinha desaparecido, tu, eu, o padre, minha mãe, e que só havia allí duas mãos que se tocavam, e nas quaes nós viviamos!

O moço voltou o rosto para esconder uma lagrima.

— Vem cá, continuou a moça, deixa-me apertar a tua mão; quero ver se sinto outra vez o que senti. Ah! naquelle momento parecia que nossas almas estavam tão unidas uma á outra que nada nos podia separar!

A moça tomou as mãos de Jorge, e, descansando a cabeça sobre o recosto da conversadeira, cerrou os olhos e assim ficou algum tempo.

— Como agora!.... continuou ella sorrindo. Se fecho os olhos, vejo-te ahi onde estás. Se escuto, ouço a tua voz. Se ponho a mão no coração, sinto-te!

Jorge ergeu-se; estava horrivelmente pallido.

Caminhou pelo gabinete agitado, quasi louco; a moça o seguia com os olhos; sentia o coração cerrado; mas não comprehendia.

Por fim o moço chegou-se a um consolo sobre o qual havia uma garrafa de Chartreuse e dous pequenos copos de crystal. Sua noiva não percebeu o movimento rapido que elle fez, mas ficou extremamente admirada vendo-o apresentar-lhe um dos calices cheio de licor.

— Não gosto! disse a menina com gracioso enfado.

— Não queres então beber á minha saude! Pois eu vou beber á tua.

Carolina ergueu-se vivamente e tomando o calice bebeu todo o licor.

— Ao nosso amor!...

Jorge sorriu tristemente.

Dava 1 hora da noite.

VIII

Jorge tomou as mãos de sua mulher e beijou-as.

— Carolina!

— Meu amigo!

— Sabes o meu passado; já te contei todas as minhas loucuras, e tu me perdoaste todas: preciso, porém, ainda do teu perdão para uma falta mais grave do que essas, para um crime talvez!

— Dize-me: esta falta faz que não me ames? perguntou a menina um pouco assustada.

— Ao contrario faz que te ame ainda mais, se é possível! exclamou o moço.

— Então não é uma falta, respondeu ella sorrindo.

— Quando souberes! murmurou o moço, talvez me accuses.

— Tu não pensas no que estás dizendo, Jorge! replicou a moça sentida.

— Escuta: se eu te pedir uma cousa não me negarás?

— Pede e verás.

— Quero que me perdoes essa falta que tu ignoras!

— Causa-te prazer isto?

— Como tu não fazes idéa! disse o moço com um acento profundo.

— Pois bem; estás perdoado.

— Não; não ha de ser assim; de joelhos a teus pés.
E o moço ajoelhou-se diante de sua mulher.

— Criança! disse Carolina sorrindo.

— Agora dize que me perdôas!

— Perdôo-te e amo-te! respondeu ella cingindo-lhe o pescoço com os braços e apertando a sua cabeça contra o seio.

Jorge ergueu-se calmo e socegado; porém ainda mais pallido.

Carolina deixou-se cahir sobre a conversadeira; suas palpebras cerravão-se a seu pezar: pouco depois tinha adormecido.

O moço tomou-a nos braços, e deitou-a sobre o leito, fechando as alvas cortinas: depois foi sentar-se na conversadeira, e collocou o seu relógio sobre uma banquinha de charão.

Assim, com a cabeça apoiada sobre a mão e os olhos fitos nas pequenas agulhas de aço que se movião sobre o mostrador branco, passou duas horas.

Cada instante, cada oscillação, era um anno que fugia, um mundo de pensamentos que se abysmava no passado.

Quando o ponteiro, devorando o ultimo minuto, marcou 4 horas justas, elle ergueu-se.

Tirou do bolso uma carta volumosa e deitou-a sobre o consolo de marmore.

Abriu as cortinas do leito, e contemplou Carolina, que dormia sorrindo talvez á imagem d'elle, que em sonho lhe apparecia

O moço inclinou-se e colheu com os labios esse sorriso; era o seu beijo nupcial.

Tornou a fechar as cortinas, e entrou na sala onde estivera a principio; ahí abriu uma janella e saltou no jardim.

Seguiu pela laleira abaixo: a noite estava escura ainda; mas pouco faltava para amanhecer.

Debaixo da janella esclarecida do aposento de Carolina destacou-se um vulto que seguiu o moço a alguns passos de distancia.

A pessoa, qualquer que ella fosse, não desejava ser conhecida; estava envolvida em uma capa escura, e tinha o maior cuidado em abafar o som de suas pisadas.

Jorge ganhou a rua da Lapa, seguiu pelo Passeio Publico, e dirigiu-se á praia de Santa Luzia.

O dia vinha começando a raiar; e o moço, que temia ver esvaecerem-se as sombras da noite antes de ter chegado ao logar para onde se dirigia, apressava o passo.

O vulto o acompanhava sempre a alguma distancia, tendo o cuidado de caminhar do lado do morro, onde a escuridão era mais intensa.

Quando Jorge chegou ao logar onde hoje se eleva o hospital da Misericordia, esse lindo edificio que o Rio de Janeiro deve a José Clemente Pereira, o horizonte se esclarecia com os primeiros clarões da alvorada.

Um espectaculo magestoso se apresentava diante de seus olhos; aos toques da luz do sol parecia que essa bahia magnifica se elevava do seio da natureza com os seus rochedos de granito, as suas encostas graciosas, as suas aguas limpidas e serenas.

O moço deu apenas um olhar a esse bello panorama e continuou o seu caminho.

O vulto que o seguia tinha desaparecido.

IX

O Rio de Janeiro ainda se lembra da triste celebridade que ha dez annos passados tinha adquirido o logar onde está hoje construido o hospital da Santa Casa.

Houve um periodo em que quasi todas as manhãs os operarios encontravão em algum barranco ou entre os comoros de pedra e de arêa o cadaver de um homem que acabára de pôr termo á sua existencia.

Outras vezes ouvia-se um tiro; os serventes corrião, e apenas achavão uma pistola ainda fumegante, um corpo inanimado, e sobre elle alguma carta destinada a um amigo, a um filho, ou a uma esposa.

Amantes infelizes, negociantes desgraçados, pais de familia carregados de dividas, homens ricos cahidos na miseria, quasi todos ahi vinhão, trazidos por um iman irresistivel, por uma fascinação diabolica.

As Obras da Misericordia, como chamavão então este logar, tinhão a mesma reputação que o *Arco das Aguas Livres* de Lisboa e a *Ponte Nova* de Paris.

Era o templo do suicidio, onde a fragilidade humana sacrificava em holocausto a esse idolo sanguinario

tantas victimas arrancadas ás suas familias e aos seus amigos.

Essa epidemia moral, que se aggravava todos os dias, começava já a inquietar alguns espiritos reflectidos, alguns homens pensadores, que vião com tristeza os progressos do mal.

Procurava-se debalde a causa daquella aberração fatal da natureza, e não era possível explica-la.

Não tínhamos, como a Inglaterra, esse manto de chumbo, que pesa sobre a cabeça dos filhos da Grã-Bretanha; esse lençol de nevoa e de vapores, que os envolve como uma mortalha.

Não tínhamos, como a Allemanha, o idealismo vago e fantastico, excitado pelas tradições da media idade, e modernamente pelo romance de Goethe, que tão poderosa influencia exerceu nas imaginações jovens.

Ao contrario, o nosso céu, sempre azul, sorria áquelles que o contemplavão; a natureza brasileira, cheia de vigor e de seiva, cantava a todo o momento um hymno sublime á vida e ao prazer.

O genio brasileiro, vivo e alegre no meio dos vastos horizontes que o cercão, sente-se tão livre, tão grande, que não precisa elevar-se a essas regiões ideaes em que se perde o espirito allemão.

Nada emfim explicava o phenomeno moral que se dava então na população desta côrte; mas todos o sentião e alguns se impressionavão seriamente.

Era facil, pois, naquella época adivinhar o motivo que levava Jorge ás 4 horas da manhã ao logar onde se abrião os largos alicerces do grande hospital de Santa Luzia.

O moço afastou-se da praia, e desapareceu por

detrás de alguns montes de arêa que se elevavão aqui e allí pelo campo.

Meia hora depois ouvirão-se dous tiros de pistola; os trabalhadores que vinhão chegando para o serviço corrêrão ao lugar donde partira o estrondo, e virão sobre a arêa o corpo de um homem, cujo rosto tinha sido completamente desfigurado pela explosão da arma de fogo.

Um dos guardas metteu a mão no bolso da sobreca-saca, e achou uma carteira contendo algumas notas pequenas, e uma carta apenas dobrada, que elle abriu e leu:

« Peço a quem achar o meu corpo o faça enterrar immediatamente, afim de poupar a minha mulher e aos meus amigos esse horrivel espectáculo. Para isso achará na minha carteira o dinheiro que possuo. — 5 de setembro de 1844. — *Jorge da Silva.* »

Uma hora depois a autoridade competente chegou ao lugar do suicidio, e, tomando conhecimento do facto, deu as providencias para que se cumprisse a ultima vontade do finado.

O trabalho continuou entre as cantilenas monotonas dos pretos e dos serventes, como se nada de extraordinario se houvesse passado.

Cinco annos decorrerão depois dos tristes acontecimentos que acabamos de narrar.

Estamos na Praça do Commercio.

Naquelle tempo não havia, como hoje, corretores e zangões, atravessadores, agiotas, vendedores de dividendos, roedores de cordas, emittidores de acções: todos esses typos modernos, importados do estrangeiro e aperfeiçoados pelo talento natural.

Em compensação, porém, alli se fazião todas as transacções avultadas; ahi se tratavão todos os negocios importantes com uma lisura e uma boa fé que se tornou proverbial á praça do Rio de Janeiro.

Erão 3 horas da tarde.

A praça ia fechar-se: os negocios do dia estavam concluidos; e dentro das columnas que formão a entrada do edificio poucas pessoas ainda restavão.

Entre estas notava-se um negociante, que passeiava lentamente ao comprido do saguão, e que por momentos chegava-se á calçada e lançava um olhar pela rua Direita.

Era um moço que teria quando muito trinta annos, de

alta estatura e de um porte elegante; á primeira vista parecia estrangeiro.

Tinha uma dessas feições graves e severas que impoem respeito e inspirão ao mesmo tempo a affeição e a sympathia. Sua barba, de um loiro cinzento, cobria-lhe todo o rosto e disfarçava os seus traços distinctos.

A fronte larga e reflexiva, um pouco curvada pelo habito do trabalho e da meditação, e o seu olhar fixo e profundo, revelavão uma vontade calma, mas firme e tenaz.

A expressão de tristeza e ao mesmo tempo de resignação que respirava nessa physionomia devia traduzir a sua vida; ao menos fazia presentir na sua existencia o predomínio de uma necessidade imperiosa, de um dever, talvez de uma fatalidade.

Ninguem na praça conhecia esse moço, que ahí apparecêra havia pouco tempo: mas as suas maneiras erão tão finas, os seus negocios tão claros, e sempre á vista, as suas transacções tão lisas, que os negociantes nem lhe perguntavão o seu nome para aceitarem o objecto que elle lhes offerencia.

Todas as pessoas já tinham partido, e ficára apenas o moço, que sem duvida esperava alguém; entretanto, ou porque ainda não tivesse chegado a hora aprazada, ou porque já estivesse habituado a constranger-se, não dava o menor signal de impaciencia.

Finalmente a pessoa esperada apontou na entrada da rua do Sabão e approximou-se rapidamente.

A senhora, que talvez tenha imaginado um personagem de grande importancia, vai de certo soffrer uma decepção quando souber que o desconhecido era apenas um mocinho de 19 para 20 annos.

Um observador ou um homem pratico, o que vale a mesma cousa, reconheceria nelle á primeira vista um desses *virtuosi* do commercio, como então havia muitos nesta boa cidade do Rio de Janeiro.

A classificação é nova e precisa uma explicação.

A lei, a sociedade e a policia estão no máo costume de exigir que cada homem tenha uma profissão; donde provém esta exigencia absurda não sei eu, mas o facto é que ella existe, contra a opinião de muita gente.

Ora, não é uma cousa tão facil, como suppõe-se, o ter uma profissão. Apezar do novo progresso economico da divisão do trabalho, que multiplicou infinitamente as industrias, e por conseguinte as profissões, a questão ainda é bem difficil de resolver para aquelles que não querem trabalhar.

Ter uma profissão quando se trabalha, isto é simples e natural; mas ter uma profissão honesta e decente sem trabalhar, eis o *sonho dourado* de muita gente, eis o problema de Archimedes para certos homens que seguem a religião do *dolce far niente*.

O problema se resolveu simplesmente.

Ha uma profissão cujo nome é tão vago, tão generico que póde abranger tudo. Fallo da profissão do *negociante*.

Quando um moço não quer abraçar alguma profissão trabalhosa diz-se negociante, isto é, occupado em tratar dos seus negocios.

Um maço de papeis na algibeira, meia hora de estação na Praça do Commercio, ar atarefado, são as condições do officio.

Mediante estas condições o nosso homem é tido e havido como negociante; póde passeiar pela rua do Ouvidor, apresentar-se nos salões e nos theatros.

Quando perguntarem quem é esse moço bem vestido, elegante, de maneiras tão affaveis, responderão — *E' um negociante.*

Eis o que eu chamo *virtuosi* do commercio, isto é, homens que cultivão a industria mercantil por curiosidade, por simples desfastio, para ter uma profissão.

E' tempo de voltar dessa longa digressão, que a senhora deve ter achado muito aborrecida.

O mocinho negociante, tendo chegado á Praça do Commercio, tomou o braço da pessoa que o esperava, dizendo-lhe:

— Está tudo arranjado.

— Seriamente? exclamou o outro moço, cujos olhos brilhárão de alegria.

— Pois duvidas!

— Então, amanhã....

— Ao meio-dia.

— Obrigado! disse o moço apertando a mão de seu companheiro com effusão.

— Obrigado, porque? O que fiz vale a pena de agradecer? Ora, adeus!... Vem jantar comigo.

— Não, acompanho-te até lá; mas preciso estar ás 4 horas em minha casa.

Os dous moços de braço dado dobrárão o canto da rua Fireita.

XI

Seguirão pela rua do Ouvidor.

— Não sei que interesse, dizia o nosso negociante continuando a conversa; não sei que interesse tens tu, Carlos, em resgatares aquella letra!

— E' uma especulação que algum dia te explicarei, Henrique, e na qual espero ganhar.

— E' possível, respondeu o outro, mas permitirás que duvide.

— Porque?

— Ora, é boa! uma letra de um homem já fallecido, de uma firma fallida! Aposto que não sabias disto?!

— Não; não sabia! disse Carlos sorrindo amargamente.

— Pois então deixa contar-te a historia.

— Em outra occasião.

— Porque não agora? Reduzo-te isto a duas palavras, visto que não estás disposto a escutar-me.

— Mas....

— Trata-se de um negociante rico, que falleceu, deixando ao filho cousa de 300:000\$ e algumas dividas, na importancia de um terço dessa quantia. O filho gastou o dinheiro, e deixou que protestassem as letras aceitas pelo pai, o qual, apezar de morto, foi declarado fallido.

Emquanto seu companheiro fallava Carlos se tinha tornado livido; conhecia-se que uma emoção poderosa o dominava, apesar do esforço de vontade com que procurava reprimi-la.

— E esse filho..... o que fez? perguntou com voz tremula.

— O sugeito, depois de ter-se divertido á larga, quando se viu pobre e deshonorado, enfastiou-se da vida, e fez viagem para o outro mundo.

— Suicidou-se!

— E' verdade; mas o interessante foi que na vespera de sua morte se tinha casado com uma menina lindissima.

— Conheces?

— Ora! quem não conhece a *Viuvinha* no Rio de Janeiro? E' a moça a mais linda, a mais espirituosa e a mais *coquette* dos nossos salões.

A conversa foi interrompida; os dous amigos caminharão por algum tempo sem trocarem palavra.

Carlos ficára triste e pensativo: o seu rosto tinha neste momento uma expressão de dôr e resignação que revelava um soffrimento profundo, mas habitual.

Quanto ao seu companheiro, fumava o seu charuto, olhando para todas as vidraças de lojas por onde passava, e apreciando essa exposição constante de objectos de gosto, que já naquelle tempo tornava a rua do Ouvidor o passeio habitual dos curiosos.

De repente soltou uma exclamação, e apertou com força o braço de seu amigo:

— O que é? perguntou este.

— Nada mais a proposito! Ainda ha pouco fallámos della, e ei-la!

- Onde? exclamou Carlos estremecendo.
- Não a viste entrar na loja do Wallerstein?
- Não; não vi ninguém.
- Pois verás.

Com effeito, uma moça vestida de preto, acompanhada por uma senhora já idosa, havia entrado na loja do Wallerstein.

A velha nada tinha de notavel e que a distinguisse de uma outra qualquer velha; era uma boa senhora que fôra joven e bonita, e que não sabia o que fazer do tempo que outr'ora levava a enfeitar-se.

A moça, porém, era um typo de belleza e de elegancia. As linhas do seu rosto tinham uma pureza admiravel.

Nos seus olhos negros e brilhantes radiava o espirito, esse espirito da mulher cheio de vivacidade e de malicia. Nos seus labios mimosos brincava um sorriso divino e fascinador.

Os cabellos castanhos, de reflexos dourados, corôavão sua frente como um diadema, do qual se escapavão dous aneis, que deslisavão pelo seu collo soberbo.

Trajava um vestido de setim preto, simples e elegante; não tinha um ornato, nem uma flôr, nem outro enfeite, que não fosse dessa côr triste, que ella parecia amar.

Essa extrema simplicidade era o maior realce da sua belleza deslumbrante. Uma joia, uma flôr, um laço de fita, em vez de enfeita-la, occultarião uma das mil graças e mil perfeições que a natureza se esmerára em crear nella.

Os dous moços parárão á porta do Wallerstein: emquanto seu amigo olhava a moça com o desplante dos homens do tom, Carlos a ravez da vidraça contemplava com um sentimento inexprimivel aquella graciosa apparição.

Os caixeiros do Vallerstein desdobrarão sobre o balcão todas as suas mais ricas e mais delicadas novidades, todas as invenções do luxo parisiense, verdadeiro demonio tentador das mulheres.

A cada um desses objectos de gosto, a cada uma das mimosas fantasias da moda, ella sorria com desdem e nem sequer as tocava com a sua alva mãosinha, delicada como a de uma menina.

As fascinações do luxo, as bonitas palavras dos caixeiros e as instancia de sua mãe, tudo foi baldado. Ella recusou tudo, e contentou-se com um simples vestido preto e algumas rendas da mesma côr, como se estivesse de luto, ou se preparasse para as festas da *Semana Santa*.

— Assim, depois de cinco annos, disse-lhe sua mãe em voz baixa, persistes em conservar este luto constante.

A Viuvinha sorriu.

— Não é luto, minha mãe: é gosto. Tenho paixão por esta côr; parece-me que ella veste melhor que as outras.

— Não digas isto, Carolina: pois o azul desta seda não te assenta perfeitamente?

— Já gostei do azul; hoje o aborreço! E' uma côr sem significação, uma côr morta.

— E o preto?

— Oh! O preto é alegre!

— Alegre! exclamou um caixeiro, admirado dessa opinião original em materia de côr.

— Eu pelo menos o acho, replicou a moça tomando de repente um ar serio: é a côr que me sorri.

Esta conversa durou ainda alguns minutos.

Poucos instantes depois as duas senhoras sahirão e o carro que as esperava á porta desapareceu no fim da rua.

Carlos despediu-se do seu companheiro.

— Então amanhã sem falta!

— Ah ! Ainda insistes no negocio?

— Mais do que nunca!

— Bem. Já que assim o queres...

— Posso contar contigo?

— Como sempre.

— Obrigado.

Henrique continuou a arruar, fazendo horas para o jantar.

Carlos dobrou a rua dos Ourives e dirigiu-se a casa. Morava em um pequeno sotão de 2º andar no fim da rua da Misericórdia.

XII

A razão por que o moço sahindo da rua Direita dera uma grande volta para recolher-se, não fôra unicamente o desejo de acompanhar Henrique. Havia outro motivo mais serio.

Elle occultava a sua morada de todos; o que aliás era-lhe facil, porque depois de dous annos que estava no Rio de Janeiro não tinha amigos; e bem poucos erão os seus conhecidos.

Havia muito de inglez no seu trato. Quando fazia alguma transacção ou discutia um negocio era de extrema pollidez. Concluida a operação, cortejava o negociante e não o conhecia mais. O homem tornava-se para elle uma obrigação, um titulo, uma letra de cambio.

De todas as pessoas que diariamente encontrava na praça, Henrique era o unico com quem entretinha relações, e essas mesmas não passavão de simples cortezia.

Entrando no seu aposento Carlos fechou a porta de novo; e, sentando-se em um tamborete que havia perto da carteira, escondeu a fronte nas mãos com um gesto de desespero.

O aposento era de uma pobreza e nudez que pouco

distava da miseria. Entre as quatro paredes que comprehendião o espaço de uma braça esclarecido por uma janella estreita via-se a cama de lona pobremente vestida, uma mala de viagem, a carteira e o tamborete.

Nos umbraes da porta dous ganchos que servião de cabide. Na janella, cuja soleira fazia as vezes de lavatorio, estavam o jarro e a bacia de louça branca, uma bilha d'agua, e um copo com um ramo de flôres murchas. Junto á cama, em uma cantoneira, um castiçal com uma vela e uma caixa de phosphoro. Sobre a carteira papeis e livros de escripturação mercantil.

Era toda a mobilia.

Quando, passado um instante, o moço ergueu a cabeça, tinha o rosto banhado de lagrimas.

— Era um crime, murmurou elle, mas era um grande allivio!... Coragem!

Enxugou as lagrimas e recobrando a calma abriu a carteira e dispoz-se a trabalhar. Tirou do bolso um maço de titulos e bilhetes no valor de muitos contos de réis, contou-os e escondeu tudo em uma gaveta de segredo: depois tomou nos seus livros notas das transacções effectuadas naquelle dia.

Fôra um dia feliz.

Tinha realizado um lucro liquido de 6:000\$. Não havia engano: os algarismos alli estavam para demonstra-lo: os valores que guardava erão a prova.

Mas essa pobreza, essa miseria que o rodeava, e que revelavão uma existencia penosa, falta de todos os commodos, sujeita a duras necessidades?

Seria um avaro?...

Era um homem arrependido que cumpria a penitencia do trabalho depois de ter gasto o seu tempo e os seus

haveres em loucuras e desvarios. Era um filho da riqueza, que, tendo esbanjado a sua fortuna, comprava, com sacrificio do seu bem-estar, o direito de poder realizar uma promessa sagrada.

Se era avareza, pois, era a avareza sublime da honra e da probidade: era a abnegação nobre do presente para remir a culpa do passado. Haverá moralista, ainda o mais severo, que condemne semelhante avareza? Haverá homem de coração que não admire essa punição imposta pela consciencia ao corpo rebelde e aos instinctos materiaes, que arrastão ao vicio?

Terminadas as suas notas, esse homem, que acabava de guardar uma somma avultada, que naquelle mesmo dia tinha ganho 6:000\$ liquidos, abriu uma gaveta, tirou quatro moedas de cobre, metteu-as no bolso do collete e dispoz-se a sahir.

Aquellas quatro moedas de cobre erão um segredo da espiação corajosa, da miseria voluntaria a que se condemnára um moço que sentia a séde do gozo e tinha ao alcance da mão com que satisfazer por um mez, talvez por um anno, todos os caprichos de sua imaginação.

Aquellas quatro moedas de cobre erão o preço do seu jantar: erão a taxa fixa e invariavel da sua segunda refeição diaria: erão a esmola que a sua razão atirava ao corpo para a satisfação da necessidade indeclinavel da alimentação.

Os ricos e mesmo os abastados vão admirar-se por certo de que um homem pudesse jantar no Rio de Janeiro naquelle tempo com 160 rs., ainda quando esse homem fosse um escravo ou um mendigo. Mas elles ignorão talvez, como a senhora, minha prima, a

existencia dessas tascas negras que se encontram em algumas ruas da cidade e principalmente nos bairros da Prainha e Misericordia.

Nojenta caricatura dos hotéis e das antigas estalagens, essas locandas descobrirão o meio de preparar e vender comida pelo preço infimo que póde pagar a classe baixa.

Quando Carlos chegou ao Rio de Janeiro uma das cousas de que primeiro tratou de informar-se foi do modo de subsistir o mais barato possivel. Perguntou ao preto de ganho que conduzira os seus trastes quanto pagava para jantar. O preto despendia 80 rs. O moço decidiu que não excederia do dobro. Era o mais que lhe permittia a differença do homem livre ao escravo.

Talvez ache a coragem desse moço inverosimil, minha prima. E' possivel. Comprehende-se e admira-se o valor do soldado: mas esse heroismo inglorio, esse martyrio obscuro, parece exceder as forças do homem.

Mas eu não escrevo um romance, conto-lhe uma historia. A verdade dispensa a verosimilhança.

Acompanhemos Carlos, que desce a escada ingreme do sobrado e ganha a rua em busca da tasca onde costuma jantar.

Passando diante de uma porta um mendigo cego dirigiu-lhe essa cantilena fanhosa que se ouve á noite no saguão e vizinhança dos theatros. O moço examinou o mendigo, e, reconhecendo que era realmente cego e incapaz de trabalhar, tirou do bolso uma das moedas de cobre e entrou em uma venda para troca-la.

O caixeiro da taverna sorriu-se com desdem desse homem, que trocava uma moeda de 40 rs., e atirou-lhe com arrogancia o troco sobre o balcão. O pobre, reco-

nhecendo que a esmola era de um vintem, guardou a sua ladainha de agradecimentos para uma caridade mais generosa.

Entretanto o caixeiro ignorava que aquella mão que agora trocava uma moeda de cobre para dar uma esmola já atirára loucamente pela janella montões de ouro e de bilhetes do thesouro. O pobre não sabia que essa ridicula quantia que recebia era uma parte do jantar daquelle que a dava, e que nesse dia talvez o mendigo tivesse melhor refeição do que o homem a quem pedira a esmola.

O moço recebeu a afronta do caixeiro e a ingratição do pobre com resignação evangelica, e continuou o seu caminho. Seguiu por um desses beccos escuros que da rua da Misericordia se dirigem para as bandas do mar, cortando um dedalo de ruelas e travessas.

No meio desse becco via-se uma casa com uma janella muito larga e uma porta muito estreita.

A vidraça inferior estava pintada de uma cór que outr'ora fôra branca, e que se tornára acafêlada. A vidraça superior servia de taboleta. Lião-se em grossas letras, por baixo de um borrão de tinta informe e com pretensões a representar uma ave, estas palavras:

— *Ao Garnizé.*

O moço lançou um olhar á direita e á esquerda sobre os passantes, e, vendo que ninguem se occupava com elle, entrou furtivamente na tasca.

XIII

O interior do edificio correspondia dignamente á sua apparencia.

A sala, se assim se póde chamar um espaço fechado entre quatro paredes negras, estava occupada por algumas velhas mesas de pinho.

Cerca de oito ou dez pessoas enchão o pequeno aposento: erão pela maior parte marujos, soldados ou carroceiros que jantavão.

Alguns tomavão a sua refeição grupados aos dous e tres sobre as mesas; outros comião mesmo de pé, ou fumavão e conversavão em um tom que faria corar o proprio Santo Agostinho antes da confissão.

Uma athmosphera espessa, impregnada de vapores alcoolicos e fumo de cigarro, pesava sobre essas cabeças, e dava áquelles rostos um aspecto sinistro.

A luz que coava pelos vidros embaciados da janella mal esclarecia o aposento e apenas servia para mostrar a falta de asseio e de ordem que reinava nesse coito do vicio e da misería.

No fundo, pela fresta de uma porta mal cerrada, apparecia de vez em quando a cabeça de uma mulher de 50 annos, que interrogava com os olhos os freguezes, e ouvia o que elles pedião.

Era a dona, a servente e ao mesmo tempo cozinheira dessa tasca immunda.

A cada pedido a cabeça, coberta com uma especie de turbante feito de um lenço de tabaco, retirava-se, e dali a pouco apparecia um braço descarnado, que estendia ao freguez algum prato de louça azul cheio de comida, ou alguma garrafa de infusão de campeche com o nome de vinho.

Foi nesta sala que entrou Carlos.

Mas não entrou só; porque no momento em que ia transpor a soleira um homem que havia mais de meia hora passeiava na calçada defronte da tasca adiantou-se, e deitou a mão sobre o hombro do moço.

Carlos voltou-se admirado dessa liberdade; e ainda mais admirado ficou reconhecendo na pessoa que o tratava com tanta familiaridade o nosso antigo conhecido, o Sr. Almeida.

O velho negociante não tinha mudado; conservava ainda a força e o vigor que apezar da idade animava o seu corpo secco e magro; no gesto a mesma agilidade; no olhar o mesmo brilho; na cabeça encanecida o mesmo porte firme e direito.

— Está espantado de ver-me aqui? disse o Sr. Almeida sorrindo.

— Confesso que não esperava; respondeu o moço confuso e perturbado.

— O mal póde occultar-se; o bem se revela sempre; acrescentou o velho em tom sentencioso.

— Que quer dizer?

— Entremos.

— Para que?

— O senhor não ia entrar?

Carlos recuou insensivelmente da porta, e, querendo esconder do velho negociante o seu nobre sacrificio, fez um esforço, e balbuciou uma mentira :

— Passava... por acaso... Vou ao largo do Moura...

O Sr. Almeida fitou os seus olhos pequenos, mas vivos, no rosto do moço, que não pôde deixar de corar ; e apertando-lhe a mão com uma expressão significativa disse-lhe :

— Sei tudo!

— Como? perguntou Carlos admirado ao ultimo ponto.

— E' aqui que costuma jantar. E por isso adivinho qual tem sido a sua existencia durante estes cinco annos. Impoz se a si mesmo o castigo de sua antiga prodigalidade; puniu o luxo de outr'ora com a miseria de hoje. E' nobre, mas é exagerado.

— Não, senhor ; é justo O que possuo actualmente, o que adquiero com o meu trabalho, não me pertence ; é um deposito que Deus me confia, e que deve servir para pagar as dividas de meu pai, e tambem a divida sagrada que contrahi para com uma moça innocente. Gastar esse dinheiro seria roubar, Sr. Almeida.

— Bem ; não argumentemos sobre isto ; não se discute um generoso sacrificio ; admira-se. Venha jantar comigo.

— Não posso ; respondeu o moço.

— Porque?

— Não aceito um favor que não posso retribuir.

— Quem faz o favor é aquelle que aceita e não o que offerece. Demais, eu pobre, nunca me envergonhei de sentar-me na mesa de seu pai rico ; accrescentou o velho com severidade.

— Desculpe!

O velho tomou o braço de Carlos, e dirigiu-se com

elle ao Hotel Pharoux, que naquelle tempo era um dos melhores que havia no Rio de Janeiro; ainda não estava transformado em uma casa de banhos e um ninho de dansarinas.

Poucos instantes depois estavam os dous companheiros sentados a uma das mesas do salão; e o Sr. Almeida com um movimento muito pronunciado de impaciencia instava para que o moço concordasse na escolha do jantar que elle havia feito á vista do rol.

Carlos recusava com excessiva pollidez os pratos exquisitos que o velho lembrava, e a todas as suas instancias respondia sorrindo:

— Não quero adquirir máos habitos, Sr. Almeida.

O velho reconheceu que era inutil resistir.

— Então o que quer jantar?

Carlos escolheu dous pratos.

— Sómente?

— Sómente.

— Não me metto mais a teimar com o senhor; respondeu o velho olhando de encontro á luz o rubi liquido de um calice de excellento vinho do Porto.

Serviu-se o jantar.

O Sr. Almeida comeu com a consciencia de um homem que paga bem e que não lastima o dinheiro gasto nos objectos necessarios á vida. Satisfez o estomago e deixou apenas esse pequeno vacuo, tão difficil de encher, porque só admittre a flôr de um manjar saboroso ou de uma iguaria delicada.

Então, bebendo o seu ultimo calice de vinho do Porto. passando na boca as pontas do guardanapo, cruzou os braços sobre a mesa com ar de quem se dispunha a conversar.

— Póde acender o seu charuto, não faça cerimonia.
— Ja não fumo; respondeu Carlos simplesmente.
— O senhorjá não é o mesmo homem. Não come, não bebe, não fuma; parece um velho da minha idade.

— Ha uma cousa que envelhece mais do que a idade, Sr. Almeida; é a desgraça. E além disto o senhor tem razão; não sou, nem posso ser o mesmo homem: já morri uma vez; accrescentou em voz baixa.

— Mas ha de resuscitar.

— E' essa esperança que me alimenta.

— E como vai esse negocio? perguntou o velho com interesse.

— Tem-me custado recolher as letras de meu pai; já paguei 60.000\$ e amanhã devo pagar 5:000\$: seis letras que me faltão não sei onde se achão. Se eu pudesse annunciar... Mas na minha posição receio comprometter-me,

— Pensou bem, Porém só restão por pagar essas seis letras?

— Unicamente.

— Quer saber então onde ellas estão?

— E' o maior favor que me póde fazer.

— Com uma condição.

— Qual?

— Que ha de ouvir-me como se fosse seu pai quem lhe fallasse, disse o velho estendendo a mão,

Por toda a resposta o moço apertou com effusão e reconhecimento a mão leal do honrado negociante.

— Essas seis letras, disse o Sr. Almeida, estão em meu poder.

— Ah!

— Lembra-se do que lhe disse ha cinco annos na vespera do seu casamento ?

— Lembro-me de tudo.

— Era minha intenção salvar a firma de meu melhor amigo... de seu pai. Mas a sua morte supposta impossibilitou-me. O passivo da casa excedia as minhas forças. Os credores reunirão-se e resolvêrão fazer declarar a fallencia.

— De um homem morto ..

— E' verdade. Não o pude evitar. O mais que consegui foi abafar este negocio, comprando a alguns credores mais insofridos as suas dividas. Eis como essas seis letras vierão parar á minha mão.

— Obrigado, Sr. Almeida, disse o moço commovido, ainda lhe devo mais esse sacrificio.

— Está enganado, respondeu o velho querendo dar á sua voz a aspereza habitual; não fiz sacrificio; fiz um bom negocio; comprei as letras com um rebate de 50 %; ganho o dobro.

— Mas quando as comprou não tinha esperanza de ser pago.

— Tinha confiança na sua honra e na sua coragem.

— E se eu não voltasse ?

— Era uma transacção mallograda; a fortuna do negociante está sujeita a estes riscos.

-- Felizmente Deus ajudou-me e quiz que um dia pudesse agradecer-lhe sem corar esse beneficio. O que tinha sido da sua parte uma dadiva generosa tornou-se um emprestimo que devo pagar-lhe hoje mesmo.

— Não consinto; prometteu-me ouvir como a seu pai; eis o que elle lhe ordena pela minha voz; — Todas as suas

dividas achão-se pagas; a sua honra está salva; é tempo de voltar ao mundo.

— Mas as seis letras que estão em sua mão? interrompeu o moço.

— Aqui as tem; disse o Sr. Almeida entregando-lhe um pequeno maço.

— Devo-lhe então...

— Deve o que dei por ellas; e me pagará quando lhe for possível.

— Não sei quanto lhe custarão esses titulos; sei que elles representão um valor emprestado a meu pai. O senhor podia perder; é justo que lucre.

— Bem; faça o que quizer.

— Quanto ao pagamento, posso realiza-lo immediatamente: já o teria feito se a mais tempo soubesse que esses titulos lhe pertencião.

— Eu occultei-os de proposito. Quando chegou dos Estados-Unidos e me communicou o que tinha feito e o que pretendia fazer resolvi, para facilitar-lhe o cumprimento de seu dever, deixar que o senhor pagasse primeiro aos estranhos.

— Agora, porém, essa difficuldade desapareceu; vamos á minha casa.

— Para que?

— Para receber o que lhe devo.

— Não tratemos disso agora.

— Escute, Sr. Almeida; depois de cinco annos de provanças e miserias, não sei o que Deus me reserva. Mas, se ainda ha neste mundo felicidade para mim, antes de aceita-la é preciso que eu tenha reparado todos os meus erros; é preciso que eu me sinta purificado pela desgraça. Uma divida, embora o credor seja um amigo,

se tornaria um remorso. Tenho dinheiro sufficiente para paga-la.

— E que lhe restará?...

— Um nome honrado, e a esperanza.

O Sr. Almeida resignou-se e acompanhou Carlos até a sua casa.

Ahi o moço abriu a carteira, e, tirando os valores que a pouco havia guardado, entregou ao negociante a quantia de 30:000\$ representada pelo algarismo das seis letras.

— Já lhe disse que só me deve 15:000\$; disse o velho recusando receber.

— Devo-lhe o valor integral destes titulos; se a firma de meu pai não inspirou confiança ao outros, para seu filho ella não soffre desconto.

Emquanto o Sr. Almeida, mordendo os beiços, guardava as notas do banco e os bilhetes do thesouro, Carlos abria uma pequena carteira preta, e, depois de beijar a firma de seu pai escripta no aceite, fechou com as outras essas ultimas letras que acabava de pagar.

— Aqui está a minha fortuna; disse sorrindo com altivez.

— Tem razão, respondeu o velho; porque ahi está o mais nobre exemplo de honestidade.

— E tambem o mais bello testemunho de uma verdadeira amisade.

— Jorge!... exclamou o negociante commovendo-se.

Alguns instantes depois o Sr. Almeida despediu-se do moço.

— Escuso recommendar-lhe uma cousa; disse Jorge ao negociante.

— O que?

— A continuação do segredo. Nem uma palavra!... Quando for tempo eu mesmo o revellarei. Ainda não sou Jorge.

— Que falta?

— Depois lhe direi.

E separarão-se.

XIV

As ultimas palavras do velho negociante esclarecêrão um mysterio que já se achava quasi desvanecido.

Jorge era o verdadeiro nome desse moço que morrêra para o mundo, e que durante cinco annos vivêra como um estranho sem familia, sem parentes, sem amigos, ou como uma sombra errante condemnada á expiação das suas faltas.

A pagina em que eu devia ter escripto as circumstancias desse facto ficou em branco, minha prima; agora, porém, podemos lê-la claramente no espirito de Jorge, que, sentado á sua carteira, triste e pensativo, repassa na memoria esses annos de sua vida, desde a noite do seu casamento.

Acompanhando o moço no seu sinistro passeio ás obras da Santa Casa da Misericordia, o vimos sumir-se por entre os comoros de arêa que se elevavão por toda essa vasta quadra em que está hoje assentado o hospital de Santa Luzia.

O vulto que o seguia de perto, embuçado em uma capa e tomando todas as precauções para não ser conhecido nem presentido pelo moço, desapareceu como elle nas excavações do terreno.

Jorge, como todo o homem que depois de longa reflexão toma uma resolução firme e inabalavel, estava ancioso por chegar á peripecia desse drama terrivel: por isso parou no primeiro lugar que lhe pareceu favoravel ao seu designio.

Mas um espectaculo ainda mais horrivel do que o seu pensamento apresentou-se a seus olhos; viu a realização dessa idéa louca que desde a vespera dominava o seu espirito.

Um infeliz, levado pela mesma vertigem, o tinha precedido; seu corpo jazia sobre a arêa na mesma posição em que o sorprendêra a morte instantanea, meio recostado sobre o declive do terreno.

A cabeça era uma cousa informe; o tiro fôra carregado com agua para tornar a explosão surda e mais violenta; as feições haviam desaparecido, e não deixavão reconhecer o desgraçado.

Naturalmente quiz occultar a sua morte, para poupar á sua familia o escandalo e a impressão dolorosa que sempre deixão esses actos de desespero.

Aquelle espectaculo horrorisou o moço: em face da realidade seu espirito recuou; houve mesmo um instante em que espantou-se da sua loucura; e voltou o rosto para não ver esse cadaver, que parecia escarnecer delle.

Mas a lembrança do que o esperava, se voltasse, triumphou; julgou-se irremissivelmente condemnado; e chamou cobardia o grito extremo da razão que succumbia.

Tirou as suas pistolas, e armou-as sorrindo tristemente; depois ajoelhou e começou uma prece.

Desvario incomprehensivel da creatura, que offendendo

a Deus ora a esse mesmo Deus! Demencia extravagante do homem que pede perdão para o crime que vai commetter !

Quando o moço, terminada a sua prece, erguia as duas pistolas, e ia applicar os labios á boca da arma assassina, o vulto que o tinha acompanhado, e que se achava nesse momento de pé, atrás d'elle, com um movimento rapido paralysoo-lhe os braços.

Jorge ergueu-se precipitadamente, e achou-se em face do homem que se oppuzera á sua vontade de uma maneira tão brusca.

Era o Sr. Almeida.

O velho, com a sua perspicacia, e com os exemplos de tantos factos semelhantes em uma época em que dominava a vertigem do suicidio, adivinhára as intenções do moço.

Aquella prompta resignação, aquella especie de contradição entre os nobres sentimentos de Jorge e a calma que elle affectava, derão-lhe uma quasi certeza do que elle planejava.

Não quiz interroga-lo, convencido que lhe negaria. Resolveu espia-lo durante aquella noite, até que pudesse avisar a Carolina do que se passava, afim de que ella defendesse pelo amor uma vida ameaçada por loucos prejuizos.

Sua expectativa realizou-se: recostado no muro da chacara que ficava fronteira ás janellas do quarto da noiva, acompanhou por entre as cortinas toda a scena nocturna que descrevi; conheceu a agitação do moço, viu-o deitar algumas gotas de opio no calice de licor que deu a sua mulher; não perdeu nem umincidente, por menor que fosse.

Um instante, enquanto o moço meditava, com os olhos no mostrador do seu relógio, o Sr Almeida recebeu que elle não quizesse fazer do quarto da noiva um aposento mortuario; mas respirou quando o viu saltar na rua.

Seguiu-o e pela direcção adivinhou o desenlace da scena de que fôra espectador; preparou-se, pois, para representar tambem o seu papel; e por isso achava-se em face de Jorge no momento supremo em que a sua intervenção se tornára necessaria.

O primeiro sentimento que se apoderou do moço vendo o Sr. Almeida foi o do pejo; teve vergonha do que praticava, e pareceu-lhe fraqueza aquillo que a pouco julgava um acto de heroismo.

Logo depois o despeito e o orgulho suffocárão esse bom impulso:

— Que veio fazer aqui? perguntou com arrogancia.

— Evitar um crime; respondeu o velho com severidade.

— Enganou-se; disse Jorge seccamente.

— Não me enganei, porque estou certo que não ha homem que depois de escutar a razão commetta semelhante loucura. Qual é o beneficio que lhe póde dar a morte?

— Salvar-me da deshonra.

— Uma deshonra não lava outra deshonra. O homem que attenta contra sua vida é fraco e cobarde...

— Sr. Almeida !...

— E cobarde, sim! Porque a verdadeira coragem não succumbe com um revez; ao contrario luta, e acaba por vencer. Matando-se o senhor rouba os seus credores, porque tira-lhes a ultima garantia que elles ainda possuem,—a vida de um homem.

— E que vale esta vida?

— Vale o trabalho.

— E o soffrimento!

— E' verdade; mas não temos direito de sacrificar a um pensamento egoista aquillo que não nos pertence. Se a sua existencia está condemnada ao soffrimento, deve aceitar essa punição que Deus lhe impõe, e não revoltar-se contra ella.

Jorge abaixou a cabeça; não sabia o que responder áquella logica inflexivel.

— Escute, disse o velho depois de um momento de reflexão, o que teme o senhor dessa deshonra que vai recahir sobre a sua vida? Teme ver-se condemnado a soffrer o desprezo do mundo, a sentir o escarneo e o insulto sem poder erguer a fronte e repelli-lo; teme emfim que a sua existencia se torne um suplicio de vergonha, de remorso e de humilhação! Não é isto?!

— Sim! balbuciou o moço.

— Pois não é preciso commetter um crime para livrar-se dessa tortura; morra para o mundo, morra para todos, porém viva para Deus, e para salvar a sua honra e espiar o seu passado.

— Que quer dizer? perguntou o moço admirado.

— Alli está o corpo de um infeliz; é um cadaver sem nome, sem signaes que digão o que elle foi; deite sobre elle uma carta, desapareça, e daqui a uma hora o senhor terá deixado de existir.

— E depois?

— Depois, como um desconhecido, como um estranho que entra no mundo tendo a lição da experiencia e a alma provada pela desgraça, procure remir as suas

culpas. Um dia talvez possa reviver e encontrar a felicidade.

Jorge reflectiu :

— Tem razão, disse elle.

Pouco depois ouviu-se um tiro; os trabalhadores das obras que ião chegando encontrarão um cadaver mutilado e a carta de Jorge; ao mesmo tempo o moço e o Sr. Almeida ganhavão pelo lado opposto a praia de Santa Luzia.

Passava um bote a pouca distancia de terra: o velho acenou-lhe que se approximasse.

— O acaso nos favorece, disse ao moço; sahe amanhã para os Estados-Unidos um navio que me foi consignado: é melhor embarcar agora, para não excitar desconfianças; hoje mesmo lhe tirarei um passaporte.

O bote approximou-se; o embarque nestas paragens é incommodo; mas a situação não admittia que se attendesse a isto.

Erão 9 horas quando o Sr. Almeida, tendo deixado Jorge na barca americana e tendo tomado um carro na primeira cocheira, chegou á casa de D. Maria.

A boa senhora recebeu-o com um sorriso; estava sentada na sala proxima ao quarto de sua filha, e esperava tranquillamente que seus filhos acordassem.

O velho, vendo aquella serena felicidade, hesitou; não teve animo de enlutar esse coração de mãe.

Nisto a porta do quarto abriu-se, e Carolina, branca como a cambraia que a vestia, appareceu na porta, tendo na mão a carta de Jorge.

A mãe soltou um grito; a filha não podia fallar; e assim passou um momento de tortura, em que uma dessas dores procurava debalde adivinhar a desgraça,

e a outra se esforçava por achar uma palavra que a revelasse.

No dia seguinte Jorge partia para os Estados-Unidos, e Carolina trocava suas vestes de noiva por esse vestido preto que nunca mais deixou.

Seria longo descrever a vida desse moço, morto para o mundo e existindo comtudo para soffrer: durante cinco annos alimentou-se de recordações e de uma esperança que lhe dava forças e coragem para lutar.

O amor de Carolina, talvez mais do que o sentimento da honra, o animava; trabalhou com uma constancia e um ardor infatigaveis, e ganhou para pagar todas as dividas de seu pai.

Logo que se achou possuidor de uma somma avultada Jorge preferiu vir acabar a sua expiação no seu paiz, onde ao menos se sentiria perto daquelles que amava.

De facto chegou ao Rio de Janeiro com o nome de Carlos Freeland; dava-se por estrangeiro; alguns, porém, julgavão que nascêra no Brasil e que ahi vivêra muito tempo, mas não se recordavão de o ter visto.

A desgraça tinha mudado completamente a sua phisionomia; do moço tinha feito um homem grave; além disso, a barba crescida occultava a belleza dos seus traços.

O seu primeiro cuidado foi procurar o Sr. Almeida e pedir-lhe que o auxiliasse no resgate das letras, que devia ser feito de modo que ninguem o suspeitasse. O que fez o velho negociante já o sabe.

Como disse, Jorge occultava sua vida de todos e do proprio velho; soffria corajosamente a miseria a que se condemnára, mas não queria que ella tivesse uma testemunha.

O Sr. Almeida, porém, sorprendêra o segredo.

Vou leva-la, D^{ccc}, á mesma casinha do morro de Santa Theresa ondê começou esta pequena história.

São 10 hora da noite. Penetremos no interior.

D. Maria acabava de recolher-se, depois de ter beijado sua filha: toda a casa estava em silencio; apenas havia luz no aposento de Carolina.

Esse aposento era a mesma camara nupcial, onde cinco annos antes aquella innocente menina adormecêra noiva para acordar viuva, no dia seguinte ao do seu casamento.

Nada ahi tinha mudado, a não ser o coração humano.

Cinco annos que passárão por esse berço de amor, transformado de repente em um retiro da saudade, não havião alterado nem sequer a collocação de um traste ou a côr de um ornato da sala.

Apenas o tempo empallidecêra as decorações, roubando-lhes a pureza e o brilho das cousas novas e virgens: e a desgraça enlutára a rôla, que se carpia viuva no seu ninho solitario.

Carolina estava sentada na conversadeira onde na primeira e ultima noite de seu casamento recebêra seu marido, quando este, tremulo e pallido, se animára a

transportar o lumiar desse aposento, sagrado para elle como um templo.

Justamente naquelle momento esse quadro se retrazava na memoria da menina com uma força de reminiscencia tal que fazia reviver o passado. O seu espirito, depois de saturar-se do amargo dessas recordações, desfiava rapidamente a téa de sua existencia desde aquella época.

Quer saber naturalmente o segredo dessa vida, não é, minha prima?

Aqui o tem.

Nos primeiros dias que seguirão-se á catastrophe, Carolina ficou sepultada nessa lethargia da dor, especie de idiotismo pungente, em que soffre-se, mas sem consciencia do soffrimento.

D. Maria e o Sr. Almeida, que a desgraça tinha feito amigo dedicado da familia, tentarão debalde arrancar a moça a esse torpor e somnolencia moral. O golpe fôra terrivel: aquella alma innocente e virgem, bafejada pela felicidade, sentira tão forte commoção que perdêra a sensibilidade.

O tempo dissipou esse lethargo. A consciencia acordou e mediu todo o alcance da perda irreparavel. Sentiu então a dor em toda a sua plenitude, e á profunda apathia succedeu uma irritação violenta. O desespero penetrou muitas vezes e assolou esse coração joven.

Mas a dor, a enfermidade da alma, como a febre, a enfermidade do corpo, quando não mata nos seus accessos acalma-se. O soffrimento em Carolina, depois de a ter torturado muito, passou do estado agudo ao estado chronico.

Vierão então as lagrimas, as tristes e longas medi-

tações, em que o espirito evoca uma e mil vezes a lembrança da desgraça, como uma tenta que mede a profundidade da chaga; em que se acha um prazer acerbo no magoar das feridas que se abrem de novo.

A pouco e pouco o que havia de amargo nessas recordações se foi adoçando: as lagrimas corrêrão mais suaves; o seio, que o soluço arquejava, arfou brandamente a suspírar. E, como no céu pardo de uma noite escura surge uma estrella que doura o azul, a saudade nasceu n'alma de Carolina e derramou a sua doce luz sobre aquella tristeza.

Tinha decorrido um anno.

Começou a viver dentro do seu coração, com as reminiscencias do seu amor, com uma sombra que sentava-se a seu lado, que murmurava-lhe ao ouvido palavras sempre repetidas e sempre novas. Sonhava no passado; differente nisso das outras moças, que sonhão no futuro.

Mas um coração de 15 annos é um tyranno a que não ha resistir; e Carolína não contára com elle.

Quando uma planta delicada nasce entre a sarça muitas vezes o fogo queima-lhe a rama e o hastil: ella desaparece, mas não morre, que a raiz vive na terra e ás primeiras aguas brota e pullula com toda a força de vegetação que incubára no tempo de sua mutilação.

O coração de Carolina fez como a planta. Apenas aberto, a desgraça o cerrára; mas veio a calma, e elle tornou-se a abrir. A principio bastou-lhe a saudade para enche-lo; depois desejou mais, desejou tudo. Tinha sêde de amor; e não se ama uma sombra.

O mundo ao longe corria as vezes o panno a uma das suas brilhantes scenas e mostrava á menina refugiada

no seu refiro e na sua saudade a aureola que cinge a fronte das mulheres bellas; aureola que aos outros parece brilho de luz, mas que realmente é para aquellas que a trazem chamma de fogo.

Carolina resistia envolvendo-se na branca mortalha de seu primeiro amor; mas a tela fez-se transparente, e não lhe occultou mais o que ella não queria ver. Sentiu-se arrastar e teve medo.

Teve medo de esquecer.

Não descreverei, minha prima, a luta prolongada e tenaz que se travarão n'alma dessa menina a saudade e a imaginação. A senhora se algum dia amou deve comprehender a luta e o resultado della. O mundo venceu. Carolina tinha 15 annos, e não havia libado do amor senão perfumes.

Mas, ainda vencida, ella defendeu contra a sociedade suas as recordações, que se tornárão então um culto do passado. Entrou nos salões, porém com esse vestido preto, que devia lembrar-lhe a todo o momento a fatalidade que pesára sobre a sua existencia.

Excitou a admiração geral pela sua belleza. Não houve talento, posição e riqueza que não se rojassea seus pés. Sabião vagamente a sua historia; suspeitavão a virgindade sob aquella viuvez, e isso lhe dava um toque de romantismo que inflammava a imaginação dos moços á moda.

Chamavão-na a *Viuvinha*.

A senhora deve te-la encontrada muitas vezes, minha prima, no tempo em que começou a frequentar a sociedade. Estava ella então no brilho de sua belleza. Na menina gentil e graciosa encarnára a natureza

mulher com todo o luxo das fôrmas elegantes, com toda a pureza das linhas harmoniosas.

A influencia que o vestido preto devia exercer sobre essa organisação ardente revelou se logo. O vestido preto era o symbolo de uma decepção cruel; era a cinza de seu primeiro amor; era uma reliquia sagrada que respeitaria sempre. Emquanto elle a cobrisse parecia-lhe que nenhuma affeição penetraria o seu coração e iria profanar o santo culto que votava á imagem de seu marido.

Era uma superstição; mas que alma não as tem quando a crença ainda não a abandonou de todo!

Assim, Carolina tornou-se *coquette*; ouvia todos os protestos de amor, mas para zombar delles; o seu espirito se interessava nessa comedia innocente de sala; a sua malicia representava um papel engenhoso; mas o coração foi mudo espectador.

Era quando voltava do baile, á noite, na solidão do seu quarto, que o coração vivia ainda no passado, no meio das tristes recordações que despertavão quando o mundo dormia. Alli tudo lhe retraçava a noite fatal: só havia de mais o luto, e de menos um vulto de homem, porque a sua imagem ella a tinha nos olhos e n'alma.

Dizem que não se pôde brincar com o fogo sem queimar-se. O amor é um fogo tambem, e Carolina, que brincava com elle, zombando dos seus protestos, acabou por crer.

Ella se tinha preparado para combater o amor, brilhante, ruidoso, fascinador, dos salões; mas não se lembrou que elle podia vir, modesto, obscuro e mysterioso, enlejar-se ás scismas melancolicas de sua solidão,

Esta parte da vida de Carolina é um romance.

Havia 18 mezes que um dia sua vista ao acordar fitou-se na janella que a m. cama acabava de abrir para desperta-la. Ha um prazer indizível em embeberem-se os olhos na luz de que durante uma noite estiverão privados.

Carolina gozava desse prazer, que faz-nos parecer tudo novo e mais bello do que na vespera, quando descobriu entre o vidro da janella um papel dobrado como uma sobrecarta elegante. A curiosidade obrigou-a a erguer-se, levantar a vidraça e tirar o objecto que lhe despertára a attenção.

Era realmente uma sobrecarta, fechada com este endereço: — *A ella.*

Não creio que haja mulher no mundo que não abrisse aquella sobrecarta mysteriosa. Carolina hesitou dez minutos, no que mostrou uma força de vontade admiravel, porque outras no seu logar a abririão no fim de dez segundos.

Não havia dentro nem carta, nem bilhete, nem uma phrase, nem uma palavra; mas uma flor só, uma saudade.

Este pequeno acontecimento occupou mais o espirito da moça do que os bailes, os theatros e os divertimentos que frequentava. Pensou no enigma esse dia e os seguintes, porque todas as manhãs achava a mesma carta sem palavras e a mesma flor.

Quando isso tomou ares de uma perseguição amorosa a moça revoltou-se, e deixou de tirar as cartas, que ficarão no mesmo logar onde as tinham posto. Parecia que o autor dessa correspondencia ou não se importava com a indifferença que lhe mostrava Carolina ou contava vence-la á força de constancia.

Uma vez Carolina, não sei como, teve uma idéa extravagante: começou a sonhar acordada; e, como não ha loucura que não roce as azas pelo delirio da imaginação, acabou por ver naquella flor mysteriosa uma *saudade* que lhe enviava de além tumulo aquelle que a amára.

Abraçado assim o romance da flor com o culto do seu passado, é facil de adivinhar como elle não caminharía depressa ao desenlace: por mais absurda e impossivel que a razão lhe apresentasse semelhante alliança, o coração a desejava, e ella se fez.

Uma noite resolveu conhecer quem era o seu desconhecido. Recostou-se por dentro da vidraça, na penumbra da janella. O aposento não tinha luz; era impossivel ve-la de fóra.

Esperou muito tempo.

As' 2 horas sentiu ranger a chave na fechadura do portão, que abriu-se, dando passagem a um vulto. A treva era espessa. Carolina mal distinguia; mas pôde ver o vulto parar defronte de sua janella; ficar immovel tempo esquecido, e por fim deixar a carta e sumir-se.

Durante mais de meia hora a respiração ardente daquelle homem e o halito suave daquella menina aquecêrão uma e outra face do vidro fragil que os separava.

Carolina, que defendêra por mais de quatro annos a memoria de seu marido, que resistira a todas as seducções do mundo, succumbiu á força poderosa desse amor puro e desinteressado.

Carolina amou.

Amava uma sombra morta; começou a amar uma sombra viva.

XVI

O coração de Carolina succumbira, mas não a sua vontade.

Amava e combatia esse amor, que julgava perfidia. Uma esposa virtuosa, preza de alguma paixão adúltera, não sustenta uma luta mais heroica do que a dessa menina contra o impulso ardente do seu coração.

Esgotou todos os recursos. As vezes procurava vencer-se da extravagancia dessa affeição. Dizia a si mesma que ella não conhecia daquelle homem senão o vulto. Sabia ao menos se era digno dos sentimentos que inspirava?

Essa desconfiança a alimentava quinze dias, um mez; depois dissipava-se como por encanto para voltar de novo.

Assim passou mais de um anno. Carolina tinha gasto e consumido toda a sua força de resolução: combatia ainda, mas já não esperava, nem desejava vencer.

Nestas disposições, uma noite se recostára á penumbra da janella, para esperar, como de costume, a sombra que vinha depôr a muda homenagem do seu amor. O ar estava abafado: ergueu a vidraça, contando fecha-la logo depois.

Mas o seu espirito enleiou-se em uma das scismas em que agora vivia de novo engolphada, e nas quaes muita vez por uma bizarría de sua imaginação o vulto desconhecido lhe apparecia com o rosto de Jorge.

Quando deu fé, o vulto estava defronte della, parado na sombra. Vendo-se, ambos fizeram o mesmo movimento para retirar-se e ambos ficárão immoveis, olhando-se nas trevas. Passado um longo instante Carolina afastou-se lentamente da janella: o desconhecido deixou a flor e desapareceu.

Essas entrevistas mudas continuárão por muito tempo, até que em uma dellas o vulto sahiu de sua immovel contemplação, chegou-se por baixo da janella, tomou a mão da moça e beijou-a. Carolina estremeceu ao toque daquelle beijo de fogo: quando passou-lhe a vertigem que a tomára de subito, nada mais viu.

Decorrêrão muitas noites sem que o desconhecido apparecesse.

Foi então que Carolina reconheceu a força desse amor mysterioso. Recostada á janella, anciosa, esperava pela hora da entrevista, e muitas vezes a estrella d'alva, luzindo no horizonte, achou-a na mesma posição. O primeiro raio da manhã apagava-lhe o ultimo raio deesperança.

Partilhada entre a idéa de que seu amante a houvesse esquecido, ou de que lhe tivesse succedido alguma desgraça, sentia todas essas inquietações que requintão a força da paixão.

Emfim o vulto appareceu de novo. Foi na vespera.

Carolina não pôde reprimir um grito do coração: mas o desconhecido, insensivel á sua demonstração, contemprou-a por muito tempo; e beijando-lhe a mão como da primeira vez deixou-lhe a flor envolta na carta.

Sentiu elle ou não a doce pressão da mão da moça?
O que sei é que voltou sem proferir uma palavra.

Abrindo a carta Carolina viu pela primeira vez algumas
phrases escriptas, que seus olhos devorárão com avidéz.

Dizia:

*« Amanhã á meia-noite no jardim. É a primeira ou a
ultima prece de um immenso amor. »*

Mais nada: nem data, nem assignatura.

O que pensou Carolina durante as vinte e quatro horas
que succedêrão a leitura dessa carta não o posso eu
exprimir, minha prima; adivinhe. A luta renasceu no
seu espirito entre o respeito profundo pela memoria de
seu marido e o amor que a dominava.

Essa luta violenta durava ainda no momento em que
a encontrámos: depois do combate renhido, o coração
tinha transigido com a razão, o amor cedêra ao dever.
Carolina resolvêra que a entrevista pedida seria a
primeira, mas tambem a ultima. Quebraria o fio dourado
dessa afeição, para não entrelaçá-lo á têa negra do seu
passado.

Cumpriria o seu voto?...

Ella mesma não o sabia: tinha medo que lhe faltassem
as forças; e para ganhar coragem relia nesse momento
a carta em que seu marido na mesma noite do casa-
mento se despedira della para sempre.

Não transcrevo aqui essa longa carta para não
entristece-la, D^{ms}, porque nunca li cousa que me cortasse
tanto o coração. Jorge explicava a sua mulher a fatalidade
que o obrigava, elle, votado á morte, a consumir esse
casamento, que a devia fazer desgraçada, mas que ao
menos a deixava pura e sem macula.

Pela primeira vez depois de cinco annos Carolina

trajava de branco: mas as fitas dos laços, as pulseiras, o collar, erão pretos ainda. Até no seu vestuario se revelava a luta que se passava em sua alma: o branco era a aspiração, o sonho do futuro; o preto era a saudade do passado.

Quando acabou de ler aquella carta, que sempre lhe arrancava lagrimas, sentiu-se com forças de resistir aos impulsos do coração; sentiu-se quasi sanctificada pela evocação daquelle martyrio; e, ainda inquieta, esperou. Pouco depois a pendula vibrou uma pancada.

Carolina assustou-se e levou os olhos ao mostrador. A agulha marcava 11 $\frac{1}{2}$ horas.

A moça fez um esforço, ergueu-se rapidamente, entrou na sala e desceu ao jardim, ligeira e subtil como uma sombra. A alguma distancia havia um berço feito de cedros, onde a treva era mais densa. Ahi sentou-se.

Á meia-noite em ponto o vulto appareceu, e, guiado pelo vestido branco de Carolina, aproximou-se della e sentou-se no mesmo banco de relva. Seguiu-se um longo momento de silencio: o desconhecido não fallava; o pudor emmudecia a menina candida e innocente.

Mas não era possivel que esse silencio e essa immobillidade continuassem: o desconhecido tomou as mãos de Carolina e apertou-as; as suas estavam tão frias que a moça sentiu gelar-se-lhe o sangue ao seu contacto.

— A senhora me ama?...

A voz do moço pronunciando essas palavras se tornára tão surda que perdéra o metal para tornar-se apenas um sopro.

A menina não respondeu.

— E' o meu destino que eu lhe pergunto! murmurou elle,

Carolina venceu a timidez.

— Não sabe a minha historia? disse ella.

— Sei.

— Então comprehende que não posso, que não devo amar a ninguem mais neste mundo!

A moça sentiu que seu amante lhe cerrava as mãos com uma emoção extraordinaria; teve pena d'elle, e conheceu que não teria forças para consummar o sacrificio.

— Não me póde... não me deve amar... E por que razão me deixou conceber uma esperança vã?

— Porque?... balbuciou a menina.

— Sim, porque?... Zombava de mim!

— Oh! não! Não pensava no que fazia. Era mais forte do que a minha vontade!

— Mas então me ama?... E' verdade?... perguntou o desconhecido com anciedade.

— Não sei.

— Para que nega-lo?

— Pois sim! E' verdade! Mas é impossivel!

— Não comprehendo.

— Escute: não estranhe o que lhe vou dizer, não me crimine pelo passo que dei. Fiz mal em vir aqui, em espera-lo; mas tenho eu culpa?... Faltou-me o animo de recusar-lhe o que me pedia... E vim sómente para supplicar-lhe...

— Supplicar-me?... o que?...

— Que se esqueça de mim, que me abandone! . .

— Importuno-a com a minha affeição?...

— Não diga isto!

— Seja indifferente a ella.

— Se eu pudesse...

— Não póde?... Então dê-me a felicidade.

— Se estivesse em mim!... Porém já lhe confessei; é impossível.

— Por que motivo?

— Eu devo... eu sinto que amo a meu marido.

— Morto?...

— Sim.

Houve uma pausa.

— Parece-lhe ridiculo esse sentimento; não é assim? Mas foi o primeiro, cuidei que seria o ultimo. Deus não permittiu!... E porisso as vezes julgo que commetto um crime aceitando uma outra afeição... Devo ser fiel á sua memoria!... Quem me diz que esse remorso não envenenará a minha existencia, que a imagem delle não virá constantemente collocar-se entre mim e aquelle que amar-me ainda neste mundo?... Seriamos ambos desgraçados!

Um beijo cortou a palavra nos labios de Carolina.

Momentos depois duas sombras resvalarão por entre as moitas do jardim e perdêrão-se no interior da casa. Tudo entrou de novo no silencio.

Na manhã seguinte ás 9 horas D. Maria e o Sr. Almeida conversavão amigavelmente na sala de jantar, onde acabavão de servir o almoço.

O velho negociante, depois da entrevista com o filho de seu amigo, não se cabia de contente, e viera preparar a mãe e a filha para mais tarde receberem a noticia inesperada, que era ainda um segredo só conhecido de duas pessoas.

O assumpto era melindroso, e a sua habilidade commercial nada adiantava em negocios de coração: não sabia por onde começar.

Nisto, D. Maria chamou sua filha.

— Vem almoçar, Carolina!

— Já vou mamã, respondeu a menina do seu quarto; estou á espera de Jorge.

A pobre mãe julgou que sua filha tinha enlouquecido, e ergueu-se precipitadamente para correr a ella.

Mas a porta abriu-se e Carolina entrou pelo braço de seu marido.

Desmaio, espanto, surpresa e alegria, passo por tudo isto, que a senhora imagina melhor do que eu posso descrever.

Depois do almoço, Jorge e sua mulher, passeiando no jardim, parárão junto ao lugar onde havião estado na vespera.

— Aqui!... disse a menina sorrindo entre o rubor.

— Foi o meu segundo berço! replicou Jorge.

— Porque dizes berço?

— Porque nasci aqui para esta vida nova. Oh! tu não sabes!... Depois que rehabilitei o nome de meu pai e o meu, ainda me faltava uma condição para voltar ao mundo.

— Qual era?

— A tua felicidade, o teu desejo. Se tivesses esquecido teu marido para amar-me sem remorso e sem escrupulo eu estava resolvido... a fugir-te para sempre!

— Mão!... se eu te deixasse de amar não era para amar-te ainda?... Ah! Não terias animo de fugir-me!

— Também creio.

Jorge e sua mulher são hoje nossos vizinhos; teem uma fazenda perfeitamente montada. Para evitar a curiosidade importuna e indiscreta, havião immediatamente abandonado a côrte.

A boa D. Maria já está bastante velha. O Sr. Almeida

partiu ha seis mezes para a Europa, tendo feito o seu testamento, em que instituiu herdeiros os filhos de Jorge.

Carlota é amiga intima de Carolina. Ellas achão ambas um ponto de semelhança na sua vida: é a felicidade depois de crueis e terriveis provanças. As nossas familias se visitão com muita frequencia; e posso dizer-lhe que somos uns para os outros a unica sociedade.

Isto lhe explica, D^{***}, como soube todos os incidentes desta historia.

Já lhe enviei, minha prima, dous manuscriptos meus, os *Cinco minutos* e o *Guarany*: vai agora o terceiro, e talvez um bello dia, quando menos espere, receba algum outro.

Porque me divirto a dar feição de romance ás historias que sei, ou que me contão, não pense que me falta o que fazer. Tenho muito ao contrario: tenho de sobra.

Mas não ha homem, inda o mais grave, que não sinta anecessidade de uma distracção. Alguns jogão o volta-rete ou brincão com as crianças. Outros roem as unhas ou talhão a ponta da mesa com o canivete. Cincinato plantava hortaliça. Richelieu dava saltos gymnasticos e dansava. Buffon tinha a mania dos punhos de rendas.

Se os grandes homens teem direito a uma esquisitice, os pequenos, como eu, teem direito a um vicio ao menos

Em vez de jogar ou de dormir a sesta, escrevo o meu romance. E' um innocente divertimento, e um excellente repouso para o pensamento fatigado de estudos serios. Depois de uma dessas correrias pelo mundo da litteratura sinto no espirito a mesma força e a mesma actividade que adquire o corpo depois de um passeio de saude.



CINCO MINUTOS

A D.***

I

E' uma historia curiosa a que lhe vou contar, minha prima. Mas é uma historia, e não um romance.

Ha mais de dous annos, serião 6 horas da tarde, dirigi-me ao Rocio para tomar o omnibus de Andarahy.

Sabe que sou o homem o menos pontual que ha neste mundo; entre os meus immensos defeitos e as minhas poucas qualidades, não conto a *pontualidade*, essa virtude dos reis, e esse máo costume dos inglezes.

Enthusiasta da liberdade, não posso admittir de modo algum que um homem se escravise ao seu relógio e regule as suas acções pelo movimento de uma pequena agulha de aço ou pelas oscillações de uma pendula.

Tudo isto quer dizer que, chegando ao Rocio, não vi mais omnibus algum; o empregado a quem dirigi-me respondeu:

— Partiu ha cinco minutos.

Resignei-me, e esperei pelo omnibus de 7 horas.

Anoiteceu.

Fazia uma noite de inverno fresca e humida: o céu estava calmo, mas sem estrellas.

A' hora marcada chegou o omnibus, e apressei-me a ir tomar o meu logar.

Procurei, como costume, o fundo do carro, afim de ficar livre das conversas monotonas dos recebedores, que de ordinario teem sempre uma anecdota insipida a contar, ou uma queixa a fazer sobre o máo estado dos caminhos.

O canto já estava occupado por um monte de sedas, que deixou escapar-se um ligeiro farfalhar, conchegando-se para dar-me logar.

Sentei-me; prefiro sempre o contacto da seda á vizinhança da casimira ou do panno.

O meu primeiro cuidado foi vêr se conseguia descobrir o rosto e as fôrmas que se escondião nessas nuvens de seda e de rendas.

Era impossivel.

Além da noite estar escura, um maldito véo que cahia de um chapéosinho de palha não me deixava a menor esperança.

Resignei-me, e assentei que o melhor era cuidar de outra cousa.

Já o meu pensamento tinha-se lançado a galope pelo mundo da fantasia, quando de repente foi obrigado a voltar por uma circumstancia bem simples.

Senti no meu braço o contacto suave de um outro braço, que me parecia macio e avelludado como uma folha de rosa.

Quiz recuar, mas não tive animo; deixei-me ficar na mesma posição, e scismei que estava sentado perto de uma mulher que me amava e que apoiava-se sobre mim.

Pouco a pouco fui cedendo áquella attracção irresistivel

e reclinando-me insensivelmente: a pressão tornou-se mais forte; senti o seu hombro tocar de leve o meu peito; e a minha mão impaciente encontrou uma mãosinha delicada e mimosa, que dei xou-se apertar a medo.

Assim, fascinado ao mesmo tempo pela minha illusão e por este contacto voluptuoso, esqueci-me, a ponto que, sem saber o que fazia, inclinei a cabeça e collei os meus labios ardentes nesse hombro, que estremecia de emoção.

Ella soltou um grito, que foi tomado naturalmente como susto causado pelos solavancos do omnibus, e refugiou-se no canto.

Meio arrependido do que tinha feito, voltei-me como para olhar pela portinhola do carro, e, approximando-me della, disse-lhe quasi ao ouvido:

— Perdão!

Não respondeu; apenas conchegou-se ainda mais ao canto.

Tomei uma resolução heroica.

— Vou descer; não a incomodarei mais.

Ditas estas palavras rapidamente, de modo que só ella ouvisse, inclinei-me para mandar parar.

Mas senti outra vez a sua mãosinha, que apertava docemente a minha, como para impedir-me de sair.

Está entendido que não resisti, e que deixei-me ficar; ella conservava-se sempre longe de mim, mas tinha-me abandonado a mão, que eu beijava respeitosamente.

De repente veio-me uma idéa. Se fosse feia! se fosse velha! se fosse uma e outra cousa!

Fiquei frio, e comecei a reflectir.

Esta mulher, que sem me conhecer me permittia o que só se permite ao homem que se ama, não podia deixar com effeito de ser feia e muito feia.

Não lhe sendo facil achar um namorado de dia, ao menos agarrava-se a este, que de noite e ás cegas lhe proporcionára o acaso.

E' verdade que essa mão delicada, essa espadua avelludada... Ilusão! Era a disposição em que eu estava!

A imaginação é capaz de maiores esforços ainda.

Nesta marcha, o meu espirito em alguns instantes tinha chegado a uma convicção inabalavel sobre a fealdade de minha vizinha.

Para adquirir a certeza renovei o exame que tentára a principio: porém ainda desta vez foi baldado; estava tão bem envolvida no seu mantelete e no seu véo que nem um traço do rosto trahia o seu incognito.

Mais uma prova! Uma mulher bonita deixa-se admirar, e não se esconde como uma perola dentro da sua ostra.

Decididamente era feia, enormemente feia!

Nisto ella fez um movimento entreabrindo o seu mantelete, e um bafejo suave de aroma de sandalo exhalou-se.

Aspirei voluptuosamente essa onda de perfume, que se infiltrou em minha alma como um effluvio celeste.

Não se admire, minha prima; tenho uma theoria a respeito dos perfumes.

A mulher é uma flôr que se estuda, como a flôr do campo, pelas suas côres, pelas suas folhas e sobretudo pelo seu perfume.

Dada a côr predilecta de uma mulher desconhecida, o seu modo de trajar e o seu perfume favorito, vou descobrir com a mesma exactidão de um problema algebrico se ella é bonita ou feia.

De todos estes indicios, porém, o mais seguro é o

perfume; e isto por um segredo da natureza, por uma lei mysteriosa da creação, que não sei explicar.

Porque é que Deus deu o aroma mais delicado á rosa, ao heliotropo, á violeta, ao jasmim, e não a essas flôres sem graça e sem belleza, que só servem para realçar as suas irmãs?

E' de certo por esta mesma razão que Deus só dá á mulher linda esse tacto delicado e subtil, esse gosto apurado, que sabe distinguir o aroma o mais perfeito.

Já vê minha prima porque esse odor de sandalo foi para mim como uma revelação.

Só uma mulher distincta, uma mulher de sentimento, sabe comprehender toda a poesia desse perfume oriental, desse *hatchiss* do olfacto, que nos embala nos sonhos brilhantes das *Mil e uma noites*, que nos falla da India, da China, da Persia, dos esplendores da Asia e dos mysterios do berço do sol.

O sandalo é o perfume das odaliscas de Stamboul e das houris do propheta; como as borboletas que se alimentão de mel, a mulher do oriente vive com as gotas dessa essencia divina.

Seu berço é de sandalo; seus collares, suas pulseiras, o seu leque, são de sandalo; e, quando a morte vem quebrar o fio dessa existencia feliz, é ainda em uma urna de sandalo que o amor guarda as suas cinzas queridas.

Tudo isto passou-me pelo pensamento, como um sonho, enquanto eu aspirava ardentemente essa exhalação fascinadora, que foi a pouco e pouco desvanecendo-se.

Era bella!

Tinha toda a certeza; desta vez era uma convicção profunda e inabalavel.

Com effeito, uma mulher de distincção, uma mulher

de alma elevada, se fosse feia, não dava sua mão a beijar a um homem que podia repelli-la quando a conhecesse; não se expunha ao escarneo e ao desprezo.

Era bella!

Mas não a podia ver, por mais esforços que fizesse; via-a com os olhos da alma, fazia o seu retrato imaginario.

O omnibus parou; uma senhora ergueu-se e sahiu.

Senti a sua mão apertar a minha mais estreitamente; vi uma sombra passar diante de meus olhos no meio do *ruge-ruge* de um vestido, e quando dei acôrdo de mim o carro rodava e eu tinha perdido a minha visão.

Resoava-me ainda ao ouvido uma palavra murmurada, ou antes suspirada quasi imperceptivelmente:

— *Non ti scordar di me!....*

Lancei-me fóra do omnibus; caminhei á direita e á esquerda; andei como um louco até 9 horas da noite.

Nada!

II

Quinze dias se passarão depois da minha aventura.

Durante este tempo é escusado dizer-lhe as extravagâncias que fiz.

Fui todos os dias a Andarahy no omnibus das 7 horas, para ver se encontrava a minha desconhecida; indaguei de todos os passageiros se a conhecião, e não obtive a menor informação.

Estava a braços com uma paixão, minha prima, e com uma paixão de primeira força e de alta pressão, capaz de fazer vinte milhas por hora.

Quando sahia não via ao longe um vestido de seda preta e um chapéo de palha que não lhe desse caça, até faze-lo chegar á abordagem.

No fim descobria alguma velha ou alguma costureira desgeitosa, e continuava tristemente o meu caminho, atrás dessa sombra impalpavel, que eu procurava havia quinze longos dias, isto é, um século para o pensamento de um amante.

Um dia estava em um baile, triste e pensativo, como um homem que ama uma mulher e que não conhece a mulher que ama.

Recostei-me a uma porta, e dahi via passar diante de mim uma myriade brilhante e esplendida, pedindo a

todos aquelles rostos indifferentes um olhar, um sorriso, que me desse a conhecer aquella que eu procurava.

Assim preocupado, quasi não dava fé do que se passava junto de mim, quando senti um leque tocar no meu braço, e uma voz que vivia no meu coração, uma voz que cantava dentro de minha alma, murmurou:

— *Non ti scordar di me!...*

Voltei-me.

Corri um olhar pelas pessoas que estavam junto de mim, e apenas vi uma velha que passeiava pelo braço de seu cavalheiro, abanando-se com um leque.

— Será ella, meu Deus? pensei eu horrorizado.

E, por mais que fizesse, os meus olhos não se podião destacar daquelle rosto cheio de rugas.

A velha tinha uma expressão de bondade e de sentimento que devia attrahir a sympathia; mas naquelle momento essa belleza moral, que illuminava aquella physionomia intelligente, pareceu-me horrivel e até repugnante.

Amar quinze dias uma sombra, sonha-la bella como um anjo, e por fim encontrar uma velha de cabellos brancos, uma velha coquette e namoradeira!

Não, era impossivel! Naturalmente a minha desconhecida tinha fugido antes que eu tivesse tempo de vê-la.

Essa esperança consolou-me; mas durou apenas um segundo.

A velha fallou, e na sua voz eu reconheci, apesar de tudo, apesar de mim mesmo, o timbre doce e avelludado que ouvira duas vezes.

Em face da evidencia não havia mais que duvidar. Eu tinha amado uma velha, tinha beijado a sua mão

enrugada com delirio, tinha vivido quinze dias de sua lembrança.

Era para fazer-me enlouquecer ou rir; não me ri nem enlouqueci, mas fiquei com um tal tédio e um aborrecimento de mim mesmo que não posso exprimir.

Que peripecias, que lances, porém, não me reservava ainda esse drama, tão simples e tão obscuro!

Não distingui as primeiras palavras da velha logo que ouvi a sua voz; foi só passado o primeiro espanto que percebi o que dizia.

— Ella não gosta de bailes.

— Pois admira, replicou o cavalheiro; na sua idade!

— Que quer! não achá prazer nestas festas ruidosas e nisto mostra bem que é minha filha.

A velha tinha uma filha, e isto podia explicar a semelhança extraordinaria da voz. Agarrei-me a esta sombra, como um homem que caminha no escuro.

Resolvi-me a seguir a velha toda a noite, até que ella se encontrasse com sua filha; desde este momento era o meu fanal, a minha estrella polar.

A senhora e o seu cavalheiro entráráo na saleta da escada. Separado della um instante pela multidão, ia segui-la.

Nisto ouço uma voz alegre dizer da saleta:

— Vamos, mamã!

Corri, e apenas tive tempo de perceber os folhos de um vestido preto, envolto n'um largo *bornou* de seda branca, que desapareceu ligeiramente na escada.

Atravessei a saleta tão depressa como me permittiu a multidão, e, pisando callos, dando encontrões á direita e á esquerda, cheguei enfim á porta da sahida.

O meu vestido preto sumiu-se pela portinhola de um *coupé*, que partiu a trote largo.

Voltei ao baile desanimado; a minha unica esperança era a velha; por ella podia tomar informações, saber quem era a minha desconhecida, indagar o seu nome e a sua morada, acabar enfim com este enigma, que me matava de emoções violentas e contrarias.

Indaguei della.

Mas como era possivel designar uma velha da qual eu só sabia pouco mais ou menos a idade?

Todos os meus amigos tinham visto muitas velhas, porém não tinham olhado para ellas.

Retirei-me triste e abatido, como um homem que se vê em luta contra o impossivel.

De duas vezes que a minha visão me tinha apparecido, só me restavão uma lembrança, um perfume e uma palavra!

Nem sequer um nome!

A todo momento parecia-me ouvir na brisa da noite essa phrase do *Trovador*, tão cheia de melancolia e de sentimento, que resumia para mim toda uma historia.

Desde então não se representava uma só vez esta opera que eu não fosse ao theatro, ao menos para ter o prazer de ouvi-la repetir.

A principio, por uma intuição natural, julguei que *ella* devia, como eu, admirar essa sublime harmonia de Verdi, que devia tambem ir sempre ao theatro.

O meu binoculo examinava todos os camarotes com uma attenção meticulosa; via moças bonitas ou feias, mas nenhuma dellas me fazia palpitar o coração.

Entrando uma vez no theatro e passando a minha revista costumada, descobri finalmente na terceira

ordem sua mãe, a minha estrella, o fio de Ariadne que me podia guiar neste labyrintho de duvidas.

A velha estava só na frente do camarote e de vez em quando voltava-se para trocar uma palavra com alguém, sentado no fundo.

Senti uma alegria ineffavel.

O camarote proximo estava vazio; perdi quasi todo o spectaculo a procurar o cambista incumbido de vende-lo. Por fim achei-o, e subi de um pulo as tres escadas.

O coração queria saltar-me quando abri a porta do camarote e entrei.

Não me tinha enganado; junto da velha vi um chapéosinho de palha com um véo preto rocegado, que não me deixava ver o rosto da pessoa a quem pertencia.

Mas eu tinha adivinhado que era *ella*; e sentia um prazer indefinivel em olhar aquellas rendas e fitas, que me impedião de conhece-la, mas que ao menos lhe pertencião.

Uma das fitas do chapéo tinha cahido do lado do meu camarote, e, em risco de ser visto, não pude soste-me e beijei-a a furto.

Representava-se a *Traviata*, e era o ultimo acto; o spectaculo ia acabar, e eu ficaria no mesmo estado de incerteza.

Arrastei as cadeiras do camarote, tossi, deixei cair o binoculo, fiz um barulho insupportavel, para ver se *ella* voltava o rosto.

A platéa pediu silencio; todos os olhos procurarão conhecer a causa do rumor; porém *ella* não se moveu; com a cabeça meio inclinada sobre a columna, em uma

languida inflexão, parecia toda entregue ao encanto da musica.

Tomei um partido.

Encostei-me á mesma columna, e em voz baixa balbuciei estas palavras:

— *Non mi scordo!*

Estremeceu, e, abaixando rapidamente o véo, conchegou ainda mais o largo *bornou* de setim branco.

Cuidei que ia voltar-se, mas enganei-me: esperei muito tempo, e debalde.

Tive então um movimento de despeito e quasi de raiva; depois de um mez que eu amava sem esperança, que eu guardava a maior fidelidade á sua sombra, *ella* me recebia assim friamente.

Revoltei-me.

— Comprehando agora, disse eu em voz baixa e como fallando a um amigo que estivesse a meu lado, comprehendo porque *ella* me foge, porque conserva esse mysterio; tudo isto não passa de uma zombaria cruel, de uma comedia, em que eu faço o papel do amante ridiculo. Realmente é uma lembrança engenhosa! Lançar em um coração o germen de um amor profundo; alimenta-lo de tempos a tempos com uma palavra, excitar a imaginação pelo mysterio; e depois, quando esse namorado de uma sombra, de um sonho, de uma illusão, passeiar pelo salão a sua figura triste e abatida, mostra-lo a suas amigas como uma victima immolada aos seus caprichos, e escarnecer do louco! E' espirituoso! O orgulho da mais vaidosa mulher deve ficar satisfeito!

Emquanto eu proferia estas palavras, repassadas de todo o fel que tinha no coração, a Charton modulava:

com a sua voz sentimental essa linda aria final da *Traviata*, interrompida por ligeiros accessos de uma tosse secca.

Ella tinha curvada a cabeça, e não sei se ouvia o que eu lhe dizia ou o que a Charton cantava; de vez em quando as suas espaldas se agitavão com um tremor convulsivo, que eu tomei injustamente por um movimento de impaciencia.

O espectáculo terminou, as pessoas do camarote sahirão, e *ella*, levantando sobre o chapéo o capuz de seu manto, acompanhou-as lentamente.

Depois, fingindo que se tinha esquecido de alguma coisa, tornou a entrar no camarote, e estendeu-me a mão.

— Não saberá nunca o que me fez soffrer, disse-me com a voz tremula.

Não pude ver-lhe o rosto; fugiu, deixando-me o seu lenço impregnado desse mesmo perfume de sandalo e todo molhado de lagrimas ainda quentes.

Quiz segui-la; mas *ella* fez um gesto tão supplicante que não tive animo de desobedecer-lhe.

Estava como dantes; não a conhecia, não sabia nada a seu respeito; porém ao menos possuia alguma coisa della; o seu lenço era para mim uma reliquia sagrada.

Mas as lagrimas? Aquelle soffrimento de que *ella* fallava? O que queria dizer tudo isto?

Não comprehendia; se eu tinha sido injusto, era uma razão para não continuar a esconder-se de mim. Que queria dizer este mysterio, que parecia obrigada a conservar?

Todas estas perguntas e as conjecturas a que *ellas* davão logar não me deixárão dormir.

Passei uma noite de vigilia a fazer supposições, cada qual mais desarrazoada.

III

Recolhendo-me no dia seguinte, achei em casa uma carta.

Antes de abri-la conheci que era della, porque lhe tinha imprimido esse suave perfume que a cercava como uma aureola.

Eis o que dizia:

« Julga mal de mim, meu amigo; nenhuma mulher póde escarnecer de um nobre coração como o seu.

« Se me occulto, se fujo, é porque ha uma fatalidade que a isto me obriga. E só Deus sabe quanto me custa este sacrificio, porque o amo!

« Mas não devo ser egoista e trocar a sua felicidade por um amor desgraçado.

« Esqueça-me.

« C. »

Essa assignatura era a mesma letra que marcava o seu lenço, e á qual eu desde a vespera pedia debalde um nome!

Reli não sei quantas vezes esta carta, e, apesar da delicadeza de sentimento que parecia ter dictado suas palavras, o que para mim tornava-se bem claro é que ella continuava a fugir-me.

Fosse qual fosse esse motivo que ella chamava uma fatalidade, e que eu suppunha ser apenas escrupulo, se não uma zombaria, o melhor era aceitar o seu conselho e fazer por esquece-la.

Reflecti então friamente sobre a extravagancia da minha paixão, e assentei que com effeito precisava tomar uma resolução decidida.

Não era possivel que continuasse a correr atrás de um phantasma que esvaecia-se quando ia toca-lo.

Aos grandes males os grandes remedios, como diz Hyppocrates. Resolvi fazer uma viagem.

Mandei sellar o meu cavallo, metti alguma roupa em um sacco de viagem, embrulhei-me no meu capote e sahi, sem me importar com a manhã de chuva que fazia.

Não sabia para onde iria. O meu cavallo levou-me para o Engenho-Velho, e eu dahi encaminhei-me para a Tejuca, onde cheguei ao meio-dia todo molhado e fatigado pelos máos caminhos.

Se algum dia se apaixonar, minha prima, aconselho-lhe as viagens como um remedio soberano e talvez o unico efficaz.

Derão-me um excellente almoço no hotel; fumei um charuto, e dormi doze horas, sem ter um sonho, sem mudar de logar.

Quando acordei o dia despontava sobre as montanhas da Tejuca.

Uma bella manhã, fresca e rociada das gotas do orvalho, desdobrava o seu manto de azul por entre a cerração, que se desvanecia aos raios do sol.

O aspecto desta natureza quasi virgem, esse céu brilhante, essa luz esplendida cahindo em cascatas

de ouro sobre as encostas dos rochedos, serenou-me completamente o espirito.

Fiquei alegre, o que a muito tempo não me succedia.

O meu hospede, um inglez franco e cavalheiro, convidou-me para acompanha-lo á caça; gastámos todo o dia a correr atrás de duas ou tres marrecas e a bater as margens da Restinga.

Assim passei nove dias na Tejuca, vivendo uma vida estúpida quanto póde ser; dormindo, caçando e jogando o bilhar.

Na tarde do decimo dia, quando já me suppunha perfeitamente curado e estava contemplando o sol, que se escondia por detrás dos montes, e a lua, que derramava no espaço a sua luz doce e assetinada, fiquei triste de repente.

Não sei que caminho tomárão as minhas idéas; o caso é que dahi a pouco descia a serra no meu cavallo, lamentando esses nove dias, que talvez me tivessem feito perder para sempre a minha desconhecida.

Accusava-me de infidelidade, de traição; a minha fatuidade dizia-me que eu devia ao menos ter-lhe dado o prazer de ver-me.

Que importava que ella me ordenasse que a esquecesse? Não me tinha confessado que me amava, e não devia eu resistir e vencer essa fatalidade, contra a qual ella, fraca mulher, não podia lutar?

Tinha vergonha de mim mesmo; achava-me egoista, cobarde, irreflectido, e revoltava-me contra tudo, contra o meu cavallo, que me levára á Tejuca, e o meu hospede, cuja amabilidade alli me havia demorado.

Com esta disposição de espirito cheguei á cidade,

mudei de traje, e ia sahir, quando o meu moleque deu-me uma carta.

Era della.

Causou-me uma surpresa misturada de alegria e de remorso :

« Meu amigo.

« Sinto-me com coragem de sacrificar o meu amor á sua felicidade; mas ao menos deixe-me o consolo de ama-lo.

« Ha dous dias que espero debalde vê-lo passar, e acompanha-lo de longe com um olhar! Não me queixo; não sabe nem deve saber em que ponto de seu caminho o som de seus passos faz palpitar um coração amigo.

« Parto hoje para Petropolis, donde voltarei breve; não lhe peço que me acompanhe, porque devo ser-lhe sempre uma desconhecida, uma sombra escura que passou um dia pelos sonhos dourados de sua vida.

« Entretanto eu desejava vê-lo ainda uma vez, apertar a sua mão e dizer-lhe adeus para sempre.

« C. »

A carta tinha a data de 3; nós estávamos a 10; havia oito dias que ella partira para Petropolis e que me esperava.

No dia seguinte embarquei na Prainha e fiz essa viagem da bahia, tão pittoresca, tão agradável, e ainda tão pouco apreciada.

Mas então a magestade dessas montanhas de granito, a poesia desse vasto seio de mar, sempre alisado como um espelho, os grupos de ilhotas graciosas que bordão a bahia, nada disto me preocupava.

Só tinha uma idéa—chegar; e o vapor caminhava menos rapido do que meu pensamento.

Durante a viagem pensava nessa circumstancia que a sua carta me revelára, e fazia-me por lembrar de todas as ruas por onde costumava passar, para ver se adivinhava aquella onde ella morava, e donde todos os dias me via sem que eu suspeitasse.

Para um homem como eu, que andava todo o dia desde a manhã até a noite, a ponto de merecer que a senhora, minha prima, me appellidasse de Judeu Errante, este trabalho era improficuo.

Quando cheguei a Petropolis erão 5 horas da tarde; estava quasi noite.

Entrei nesse hotel suiso, ao qual nunca mais voltei, e enquanto me servião um magro jantar, que era o meu almoço, tomei informações.

— Teem subido estes dias muitas familias? perguntei eu ao criado.

— Não, senhor.

— Mas ha cousa de oito dias não vierão da cidade duas senhoras?

— Não estou certo.

— Pois indague, que preciso saber e já; isto o ajudará a obter informações.

A physionomia sizuda do criado expandiu-se ao tinir da moeda, e a lingua adquiriu a sua elasticidade natural.

— Talvez o senhor queira fallar de uma senhora já idosa que veiu acompanhada de sua filha.

— E' isso mesmo.

— A moça parece-me doente; nunca a vejo sahir.

— Onde está môrando?

— Aqui perto, na rua de...

— Não conheço as ruas de Petropolis; o melhor é acompanhar-me e vir mostrar-me a casa.

— Sim, senhor.

O criado seguiu-me, e tomámos por uma das ruas agrestes da cidade allemã.

IV

A noite estava escura.

Era uma dessas noites de Petropolis, envoltas de nevoeiro e cerração.

Caminhavamos mais pelo tacto do que pela vista; difficilmente distinguíamos os objectos a uma pequena distancia; e muitas vezes, quando o meu guia se apressava, o seu vulto perdia-se nas trevas.

Em alguns minutos chegámos em face de um pequeno edificio construido a alguns passos do alinhamento, e cujas janellas estavam esclarecidas por uma luz interior.

— E' alli.

— Obrigado.

O criado voltou, e eu fiquei junto dessa casa, sem saber o que ia fazer.

A idéa de que estava perto della, que via a luz que a esclarecia, que tocava a relva que ella pisára, fazia-me feliz.

E' cousa singular, minha prima! O amor, que é insaciavel e exigente, que não se satisfaz com tudo quanto uma mulher póde dar, que deseja o impossivel,

as vezes contenta-se com um simples gozo d'alma, com uma dessas emoções delicadas, com um desses *nadas*, dos quaes o coração faz um mundo novo e desconhecido.

Não pense, porém, que eu fui a Petropolis só para contemplar com enlevo as janellas de um *chalet*; não: ao passo que sentia esse prazer reflectia no meio de vê-la e de fallar-lhe.

Mas como?....

Se soubesse todos os expedientes, cada qual mais extravagante, que inventou a minha imaginação! Se visse a elaboração tenaz a que se entregava o meu espirito para descobrir um meio de dizer-lhe que eu estava alli, que a esperava!

Por fim achei um; se não era o melhor era o mais prompto.

Desde que chegára tinha ouvido uns preludios de piano, mas tão debeis que parecião antes tirados por uma mão distrahida que roçava o tēclado do que por uma pessoa que tocava.

Isto me fez lembrar que ao meu amor se prendia a recordação de uma bella musica de Verdi; e foi quanto bastou.

Cantei, minha prima, ou antes assassinei aquella linda *romanza*; os que me ouvissem tomar-me-hião por algum diletantti *enragé*: mas ella me comprehendia.

E de facto, quando eu acabei de estropiar esse trecho magnifico de harmonia e de sentimento, o piano, que havia emmudecido, soltou um trilha brilhante e sonoro, que acordou os écos adormecidos no silencio da noite.

Depois daquella cascata de sons magestosos, que se precipitavão em ondas de harmonia, do seio daquelle

turbilhão de notas, que se cruzavão, deslisou plangente, suave e melancolica uma voz que sentia e palpitava, exprimindo todo o amor que respira a melodia sublime de Verdi.

Era ella que cantava!

Oh! não posso pintar-lhe, minha prima, a expressão profundamente triste, a angustia de que ella repassou aquella phrase de despedida:

*Non ti scordar di me.
Addio!*

Partia-me a alma.

Apenas acabou de cantar, vi desenhar-se uma sombra em uma das janellas; saltei a grade do jardim; mas as venezianas descidas não me permittirão ver o que se passava na sala.

Sentei-me sobre uma pedra e esperei.

Não se ria, D^{ma}; estava resolvido a passar alli a noite ao relento, olhando para aquella casa, e alimentando a esperança de que ella viria ao menos com uma palavra compensar o meu sacrificio.

Não me enganei.

Havia meia hora que a luz da sala tinha desaparecido e que toda a casa parecia dormir, quando abriu-se uma das portas do jardim, e eu vi ou antes presenti a sua sombra na sala.

Recebeu-me sem surpresa, sem temor, naturalmente e como se eu fosse seu irmão ou seu marido. E' porque o amor puro tem bastante delicadeza e bastante confiança para dispensar o falso pejo, o pudor de convenção de que ás vezes costumão cerca-lo.

— Eu sabia que sempre havias vir; disse-me ella.

— Oh! não me culpes! se soubesses!...

— Eu culpar-te? Quando mesmo não viesses não tinha direito de queixar-me.

— Porque não me amas!

— Pensas isto? disse-me com uma voz cheia de lagrimas.

— Não! não!.... Perdôa!

— Perdôo-te, meu amigo, como já te perdoei uma vez; julgas que te fujo, que me occulto de ti, porque não te amo, e entretanto não sabes que a maior felicidade para mim seria poder dar-te a minha vida.

— Mas então porque esse mysterio?

— Esse mysterio, bem sabe, não é uma cousa creada por mim, e sim pelo acaso; se o conservo é porque, meu amigo... tu não me deves amar.

— Não te devo amar! Mas eu amo-te!...

Ella recostou a cabeça ao meu hombro, e eu senti uma lagrima cahir sobre meu seio.

Estava tão perturbado, tão commovido dessa situação incomprehensivel, que senti-me vacillar, e deixei-me cahir sobre o sofá.

Ella sentou-se junto de mim; e, tomando-me as duas mãos, disse-me um pouco mais calma:

— Tu dizes que me amas!

— Juro-te!

— Não te illudes talvez?

— Se a vida não é uma illusão, respondi, penso que não, porque a minha vida agora és tu, ou antes a tua sombra.

— Muitas vezes toma-se um capricho por amor; tu não conheces de mim, como dizes, senão a minha sombra!...

— Que me importa?...

— E se eu fosse feia? disse ella rindo.

— Tu és bella como um anjo! Tenho toda a certeza.

— Quem sabe?

— Pois bem; convence-me, disse eu passando-lhe o braço pela cintura e procurando leva-la para uma sala vizinha, donde filtravão os raios de uma luz.

Ella desprendeou-se do meu braço.

A sua voz tornou-se grave e triste.

— Escuta, meu amigo; fallemos seriamente. Tu dizes que me amas; eu o creio, eu o sabia antes mesmo que me disseses. As almas como as nossas quando se encontrão se reconhecem e se comprehendem. Mas ainda é tempo; não julgas que mais vale conservar uma doce recordação do que entregar-se a um amor sem esperança e sem futuro?....

— Não, mil vezes não! Não entendo o que queres dizer; o meu amor, o meu, não precisa de futuro e de esperança, porque o tem em si, porque vivirá sempre!....

— Eis o que eu temia; e entretanto eu sabia que assim havia de acontecer; quando se tem a tua alma ama-se uma só vez.

— Então porque exiges de mim um sacrificio que sabes ser impossivel?

— Porque, disse ella com exaltação, porque, se ha uma felicidade indefinivel em duas almas que ligão sua vida, que se confundem na mesma existencia, que só teem um passado e um futuro para ambas, que desde a flôr da idade até a velhice caminhão juntas para o mesmo horizonte, partilhando os seus prazeres e as suas magoas, revendo-se uma na outra até o momento em que batem as azas e vão abrigar-se no seio de Deus,

deve ser cruel, bem cruel, meu amigo, quando, tendo-se apenas encontrado, uma dessas duas almas irmãs fugir deste mundo, e a outra, viuva e triste, for condemnada a levar sempre no seu seio uma idéa de morte; a trazer essa recordação, que, como um crepe de luto, envolverá a sua bella mocidade; a fazer do seu coração, cheio de vida e de amor, um tumulo para guardar as cinzas do passado! Oh! deve ser horrivel!...

A exaltação com que fallava tinha-se tornado uma especie de delirio; sua voz, sempre tão doce e avelludada, parecia alquebrada pelo cansaço da respiração.

Ella cahiu sobre o meu seio, agitando-se convulsivamente em um accesso de tosse.

Assim ficámos muito tempo immoveis, ella com a fronte apoiada sobre o meu peito, eu sob a impressão triste de suas palavras.

Por fim ergueu a cabeça; e, recobrando a sua serenidade, disse-me com um tom doce e melancolico:

— Não pensas que melhor é esquecer do que amar assim?

— Não! Amar, sentir-se amado, é sempre um gozo immeuso e um grande consolo para a desgraça. O que é triste, o que é cruel, não é essa viuvez da alma separada de sua irmã, não; ahi ha um sentimento que vive, apesar da morte, apesar do tempo. E' sim esse vacuo do coração que não tem uma affeição no mundo, e que passa como um estranho por entre os prazeres que o cercão.

— Que santo amor, meu Deus! Era assim que eu sonhava ser amada!...

— E me pedias que te esquecesse!...

— Não! não! Ama-me: quero que me ames. Ao menos...

— Não me fugirás mais?

— Não.

— E me deixarás ver aquella que eu amo, e que não conheço? perguntei sorrindo.

— Desejas?

— Supplico-te!

— Não sou eu tua?...

Lancei-me para a saleta onde havia luz, e colloquei o lampeão sobre a mesa do gabinete em que estavamos.

Para mim, minha prima, era um momento solemne; toda essa paixão violenta, incomprehensivel, todo esse amor ardente por um vulto de mulher, ia depender talvez de um olhar.

E tinha medo de ver esvaecer-se, como um phantasma em face da realidade, essa visão poetica de minha imaginação, essa creação que resumia todos os typos.

Foi, portanto, com uma emoção extraordinaria que, depois de collocar a luz, voltei-me.

Ah!....

Eu sabia que era bella; mas a minha imaginação apenas tinha esboçado o que Deus creára.

Ella olhava-me e sorria.

Era um ligeiro sorriso, uma flôr que desfolhava-se nos seus labios, um reflexo que illuminava o seu lindo rosto.

Seus grandes olhos negros fitavão em mim um desses olhares languídos e avelludados que affagão os seios d' alma.

Um annel de cabellos negros brincava-lhe sobre o hombro, fazendo sobresahir a alvura diaphana de seu collo gracioso.

Tudo quanto a arte tem sonhado de bello e de voluptuoso desenhava-se naquellas fórmias soberbas, naquelles contornos harmoniosos que se destacavão entre as ondas de cambraia de seu roupão branco.

Vi tudo isto de um só olhar, rapido, ardente e fascinado; depois fui ajoelhar-me diante della, e esqueci-me a contempla-la.

Ella me sorria sempre, e se deixava admirar.

Por fim tomou-me a cabeça entre as mãos, e seus labios fechárão me os olhos com um beijo.

— Ama-me, disse.

O sonho esvaeceu-se.

A porta da sala fechou-se sobre ella; tinha-me fugido. Voltei ao hotel.

Abri a minha janella, e sentei-me ao relento.

A brisa da noite trazia-me de vez em quando um aroma de plantas agrestes que me causava intimo prazer.

Fazia-me lembrar da vida campestre, dessa existencia doce e tranquilla que se passa longe das cidades, quasi no seio da natureza.

Pensava como seria feliz vivendo com ella em algum canto isolado, onde pudessemos abrigar o nosso amor em um leito de flôres e de relva.

Fazia na imaginação um idyllio encantador, e sentia-me tão feliz que não trocaria o meu *chalet* pelo mais rico palacio da terra.

Ella me amava.

Essa só idéa embellezava tudo para mim; a noite escura de Petropolis parecia-me poetica e o murmurejar triste das aguas do canal tornava-se-me agradavel.

Uma cousa, porém, perturbava essa felicidade, era um ponto negro, uma nuvem escura que toldava o céu da minha noite de amor.

Lembrava-me daquellas palavras tão cheias de angustia e tão sentidas, que parecião explicar a causa

de sua reserva para comigo: havia nisto um quer que seja que eu não comprehendia.

Mas esta lembrança desaparecia logo sob a impressão de seu sorriso, que eu tinha em minh'alma, de seu olhar, que eu guardava no coração, e de seus labios, cujo contacto ainda sentia.

Dormi embalado por estes sonhos e só acordei quando um raio do sol, alegre e travesso, veio bater-me nas palpebras e dar-me o *bom dia*.

O meu primeiro pensamento foi ir saudar a minha casinha; estava ainda fechada.

Erão 8 horas.

Resolvi dar um passeio para disfarçar a minha impaciencia; voltando ao hotel, o criado disse-me terem trazido um objecto que recommendarão me fosse entregue logo.

Em Petropolis não conhecia ninguem; devia ser della. Corri ao meu quarto, e achei sobre a mesa uma caixinha de páo setim; na tampa havia duas letras de tartaruga incrustada: — C. L.

A chave estava fechada em uma *enveloppe* com endereço a mim: dispuz-me a abrir a caixa com a mão tremula e tomado por um triste presentimento.

Parecia-me que naquelle cofre perfumado estava encerrada a minha vida, o meu amor, toda a minha felicidade.

Abri.

Continha o seu retrato, alguns fios de cabellos e duas folhas de papel escriptas por ella e que li de surpresa em surpresa.

VI

Eis o que ella me dizia :

« Devo-te uma explicação, meu amigo.

« Esta explicação é a historia da minha vida, breve historia, da qual escreveste a mais bella pagina.

« Cinco mezes antes do nosso primeiro encontro completava eu os meus 16 annos, a vida começava a sorrir-me.

« A educação rigorosa que me dera minha mãe me conservára menina até aquella idade, e foi só quando ella julgou dever correr o véo que occultava o mundo aos meus olhos que eu perdi as minhas idéas de infancia e as minhas innocentes illusões.

« A primeira vez que fui a um baile fiquei deslumbrada no meio daquelle turbilhão de cavalheiros e de damas, que gyrava em torno de mim sob uma atmosphera de luz, de musica, de perfumes.

« Tudo me causava admiração; esse abandono com que as mulheres se entregavão ao seu par de valsa, esse sorriso constante e sem expressão que uma moça parece tomar na porta da entrada, para só deixa-lo á sahida, esses galanteios, sempre os mesmos

e sempre sobre um thema banal, ao passo que me excitavão a curiosidade, fazião desvanecer o enthusiasmo com que tinha acolhido a noticia que minha mãe me dera da minha entrada nos salões.

« Estavas nesse baile; foi a primeira vez que te vi.

« Reparei que nessa multidão alegre e ruidosa tu só não dansavas nem galanteiavas, e passeiavas pelo salão como um espectador mudo e indifferente, ou talvez como um homem que procurava uma mulher e só via *toilettes*.

« Compreendi-te, e durante muito tempo segui-te com os olhos: ainda hoje me lembro dos teus menores gestos, da expressão do teu rosto e do sorriso de fina ironia que ás vezes fugia-te pelos labios.

« Foi a unica recordação que trouxe dessa noite, e quando adormeci os meus doces sonhos de infancia, que, apesar do baile, vierão de novo pousar nas alvas cortinas de meu leito, apenas forão interrompidos um instante pela tua imagem, que me sorria.

« No dia seguinte reatei o fio de minha existencia, feliz, tranquilla e descuidosa, como costuma ser a existencia de uma moça aos 16 annos.

« Algum tempo depois fui a outros bailes e ao theatro, porque minha mãe, que guardára a minha infancia como um avaro esconde o seu thesouro, queria fazer brilhar a minha mocidade.

« Quando cedia ao seu pedido e me ia apromptar, emquanto fazia o meu simples *toilette*, murmurava: — Talvez elle esteja.

« E esta lembrança, não só me tornava alegre, mas fazia com que procurasse parecer bella, para te merecer um primeiro olhar.

« Ultimamente era eu quem, cedendo a um sentimento que não sabia explicar, pedia a minha mãe para irmosa um divertimento, só na esperança de encontrar-te.

« Nem suspeitavas então que entre todos aquelles vultos indifferentes havia um olhar que te seguia sempre e um coração que adivinhava os teus pensamentos, que expandia-se quando te via sorrir e contrahia-se quando uma sombra de melancolia anuviava o teu semblante.

« Se pronunciavão o teu nome diante de mim corava, e na minha perturbação julgava que tinham lido esse nome nos meus olhos ou dentro de minh'alma, onde eu bem sabia que elle estava escripto.

« E entretanto nem se quer ainda me tinhas visto; se teus olhos haviam passado alguma vez por mim, tinha sido em um desses momentos em que a luz se volta para o intimo, e que se olha mas não se vê.

« Consolava-me, porém, que algum dia o acaso nos reuniria, e então não sei o que me dizia que era impossivel não me amares.

« O acaso deu-se, mas quando a minha existencia já se tinha completamente transformado.

« Ao sahir de um desses bailes apanhei uma pequena constipação, de que não fiz caso. Minha mãe teimava que eu estava doente, e eu achava-me apenas um pouco pallida e sentia ás vezes um ligeiro calefrio, que curava sentando-me ao piano e tocando alguma musica de bravura.

« Um dia, porém, achei-me mais abatida; tinha as mãos e os labios ardentes, a respiração era difficil, e ao menor esforço humedecia-se-me a pelle com uma transpiração que me parecia gelada.

« Atirei-me sobre uma ottomana e com a cabeça recostada ao collo de minha mãe cahi em um lethargo que não sei quanto tempo durou. Lembro-me sómente que, no momento mesmo em que ia despertando dessa somnolencia que se apoderára de mim, vi minha mãe sentada á cabeceira de meu leito chorando, e um homem dizia-lhe algumas palavras de consolo, que eu ouvi como em sonho.

« — Não desespere, minha senhora; a sciencia não é infallivel, nem os meus diagnosticos são sentenças irrevogaveis. Póde ser que a natureza e as viagens a salvem. Mas é preciso não perder tempo.

« O homem partiu.

« Não tinha comprehendido as suas palavras, ás quaes não ligava o menor sentido.

« Passado um instante, ergui tranquillamente os olhos para minha mãe, que escondeu o lenço e tragou em silencio o seu pranto e os seus soluços.

« — Tu choras, mamãe?

« — Não, minha filha... não... não é nada.

« — Mas tu estás com os olhos cheios de lagrimas!... disse eu assustada.

« — Ah! sim!... uma noticia triste que me contárão ha pouco... sobre uma pessoa... que tu não conheces.

« — Quem é este senhor que estava aqui?

« — E' o Dr. Valladão, que te veio visitar.

« — Então eu estou muito doente, boa mamãe?

« — Não, minha filha, elle assegurou que não tens nada; é apenas um incommodo nervoso.

« E minha querida mãe, não podendo mais conter as lagrimas que lhe saltavão dos olhos, fugiu pretextando uma ordem a dar.

« Então, á medida que a minha intelligencia ia sabindo do lethargo, comecei a reflectir sobre o que se tinha passado.

« Aquelle desmaio tão longo, aquellas palavras que eu ouvira ainda entre as nevoas de um somno agitado, as lagrimas de minha mãe e a sua repentina afflicção, o tom condoido com que o medico lhe fallára....

« Um raio de luz esclareceu de repente o meu espirito.

« Estava desenganada.

« O poder da sciencia, o olhar profundo, seguro, infallivel, desse homem, que lê no corpo humano como em um livro aberto, tinha visto no meu seio um atomo imperceptivel.

« E esse atomo era o verme que devia destruir as fontes da vida, apesar dos meus 16 annos, apesar de minha organisação, apesar de minha belleza e dos meus sonhos de felicidade! »

Aqui terminava a primeira folha, que eu acabei de ler entre as lagrimas que me inundavão as faces e que cahião sobre o papel.

Era este o segredo de sua estranha reserva; era a razão por que me fugia, por que se occultava, por que ainda na vespera dizia que se tinha imposto o sacrificio de nunca ser amada por mim.

Que sublime abnegação, minha prima! E como eu me sentia pequeno e mesquinho á vista desse amor tão nobre!

VII

Continuei a ler:

« Sim, meu amigo!...

« Estava condemnada a morrer; estava atacada dessa molestia fatal e traiçoeira, cujo dedo descarnado nos toca no meio dos prazeres e dos risos, nos arrasta ao leito, e do leito ao tumulto, depois de ter escarnecido da natureza, transfigurando as suas mais bellas creações em mumias animadas.

« E' impossivel descrever-te o que se passou então em mim; foi um desespero mudo e concentrado, mas que me prostou em uma atonia profunda; foi uma angustia pungente e cruel.

« As rosas da minha vida apenas se entreabrião, e já erão bafejadas por um halito infectado; já tinhão no seio o germen de morte que devia faze-las murchar!

« Meus sonhos de futuro, minhas tão risonhas esperanças, meu puro amor, que nem sequer ainda tinha colhido o primeiro sorriso, este horizonte, que ha pouco me parecia tão brilhante, tudo isto era uma visão que ia sumir-se, uma luz que lampejava prestes a extinguir-se.

« Foi preciso um esforço sobrehumano para esconder

de minha mãe a certeza que eu tinha sobre o meu estado, e para gracejar dos seus temores, que eu chamava imaginarios.

« Boa mãe! Desde então só viveu para consagrar-se exclusivamente á sua filha, para envolve-la com esse desvelo e essa protecção que Deus deu ao coração materno, para abrigar-me com suas preces, sua solicitude e seus carinhos, para lutar á força de amor e de dedicação contra o destino.

« Logo no dia seguinte fomos para Andarahy, onde ella alugára uma chacara, e ahi, graças a seus cuidados, adquiri tanta saude, tanta força, que me julgaria boa se não fosse a sentença fatal que pesava sobre mim.

« Que thesouro de sentimento e de delicadeza que é um coração de mãe, meu amigo! Que tacto delicado, que sensibilidade apurada, possui esse amor sublime.

« Nos primeiros dias, quando ainda estava muito abatida e era obrigada a agasalhar-me, se visses como ella presentia as rajadas de um vento frio antes que elle agitasse os renovos dos cedros do jardim, como adivinhava a menor neblina antes que a primeira gotta humedecesse a lage do nosso terraço!

« Fazia tudo por distrahir-me; brincava comigo como uma camarada de collegio; achava prazer nas menores cousas para excitar-me a imita-la; tornava-se menina e obrigava-me a ter caprichos.

« Emfim, meu amigo, se fosse a dizer-te tudo, escreveria um livro, e esse livro deves ter lido no coração de tua mãe, porque todas as mãis se parecem.

« Ao cabo de um mez tinha recobrado a saude para todos, excepto para mim, que ás vezes sentia um quer

que seja como uma contracção, que não era dor, mas que me dizia que o mal estava alli, e dormia apenas.

« Foi nesta occasião que te encontrei no omnibus de Andarahy; quando entravas a luz do lampeão illuminou-te o rosto e eu reconheci-te.

« Faze idéa que emoção sentiria quando te sentaste junto de mim.

« O mais tu sabes; eu te amava, e era tão feliz de ter-te ao meu lado, de apertar a tua mão, que nem me lembrava como te devia parecer ridicula um mulher que, sem te conhecer, te permittia tanto.

« Quando nos separámos arrependi-me do que tinha feito.

« Com que direito ia eu perturbar a tua felicidade, condemnar-te a um amor infeliz e obrigar-te a associar tua vida a uma existencia triste, que talvez não te pudesse dar senão os tormentos de seu longo martyrio?!

« Eu te amava; mas, já que Deus não me tinha concedido a graça de ser tua companheira neste mundo, não devia ir roubar ao teu lado e no teu coração o logar que outra mais feliz, porém menos dedicada, teria de occupar.

« Continuei a amar-te, mas impuz-me a mim mesma o sacrificio de nunca ser amada por ti.

« Vês, meu amigo, que não era egoista e que preferia a tua á minha felicidade. Tu farias o mesmo, estou certa.

« Aproveitei o mysterio do nõsso primeiro encontro, e esperei que alguns dias te fizessem esquecer essa aventura e quebrassem o unico e bem fragil laço que te prendia a mim.

« Deus não quiz que acontecesse assim: vendo te

só em um baile, tão triste, tão pensativo, procurando um ser invisível, uma sombra, e querendo descobrir os seus vestígios em algum dos rostos que passavão diante de tí, senti um prazer immenso.

« Conheci que tu me amavas; e, perdôa, fiquei orgulhosa dessa paixão ardente, que uma só palavra minha havia creado, desse poder do meu amor, que, por uma força de attracção inexplicavel, tinha-te ligado á minha sombra.

« Não pude resistir.

« Approximei-me, disse-te uma palavra sem que tivesses tempo de ver-me; foi essa mesma palavra que resume todo o poema do nosso amor e que depois do primeiro encontro era, como ainda hoje, a minha prece de todas as noites.

« Sempre que me ajoelho diante do meu crucifixo de marfim, depois de minha oração, ainda com os olhos na cruz e o pensamento em Deus, chamo a tua imagem para pedir-te que não *te esqueças de mim*.

« Quando tu te voltaste ao som da minha voz eu tinha entrado no *toilette*; e pouco depois sahi desse baile, onde apenas acabava de entrar, tremendo da minha imprudencia, mas alegre e feliz por te ter visto ainda uma vez.

« Deves agora comprehender o que me fizeste soffrer no theatre quando me dirigias aquella accusação tão injusta, no momento mesmo em que a Charton cantava a aria da *Traviata*.

« Não sei como não me trahi naquelle momento e não te disse tudo; o teu futuro, porém, era sagrado para mim, e eu não devia destrui-lo para satisfação de meu amor-proprio offendido.

« No dia seguinte escrevi-te; e assim, sem me trahir, pude ao menos rehabilitar-me na tua estima; doia-me muito que, ainda mesmo não me conhecendo, tivesses sobre mim uma idéa tão injusta e tão falsa.

« Aqui é preciso dizer-te que no dia seguinte ao do nosso primeiro encontro tínhamos voltado á cidade, e eu via-te passar todos os dias diante de minha janella, quando fazias o teu passeio costumado á Gloria.

« Por detrás das cortinas seguia-te com o olhar, até que desaparecias no fim da rua, e este prazer, rapido como era, alimentava o meu amor, habituado a viver de tão pouco.

« Depois da minha carta tu deixaste de passar dous dias: estava eu a partir para aqui, donde devia voltar unicamente para embarcar no paquete inglez.

« Minha mãe, incansavel nos seus desvelos, quer levar-me á Europa e fazer-me viajar pela Italia, pela Grecia, por todos os paizes de um clima doce.

« Ella diz que é para mostrar-me os grandes modelos de arte e cultivar o meu espirito; mas eu sei que essa viagem é a sua unica esperanza, que, não podendo nada contra a minha enfermidade, quer ao menos disputar-lhe a sua victima durante mais algum tempo.

« Julga que fazendo-me viajar sempre me dará mais alguns dias de existencia, como se estes sobejos de vida valessem alguma cousa para quem já perdeu a sua mocidade e o seu futuro.

« Quando ia embarcar para aqui lembrei-me que talvez não te visse mais, e diante dessa derradeira provança succumbi. Ao menos o consolo de dizer-te adeus!...

« Era o último!

« Escrevi-te segunda vez; admirava-me da tua demora, mas tinha uma quasi certeza de que havias de vir.

« Não me enganei.

« Vieste, e toda a minha resolução, toda a minha coragem cedeu, porque, sombra ou mulher, conheci que me amavas como eu te amo.

« O mal estava feito.

« Agora, meu amigo, peço-te por mim, pelo amor que me tens, que reflectas no que te vou dizer, mas que reflectas com calma e tranquillidade.

« Para isto parti hoje de Petropolis sem prevenir-te, e colloquei entre nós o espaço de vinte e quatro horas e uma distancia de muitas leguas.

« Desejo que não procedas precipitadamente, e que, antes de dizer-me uma palavra, tenhas medido todo o alcance que ella deve ter sobre o teu futuro.

« Sabes o meu destino, sabes que sou uma victima cuja hora está marcada, e que todo o meu amor, immenso, profundo, não te póde dar talvez dentro em bem pouco senão o sorriso contrahido pela tosse, o olhar desvairado pela febre e caricias roubadas aos soffrimentos.

« E' triste; e não deves immolar assim a tua bella mocidade, que ainda te reserva tantas venturas e talvez um amor como o que eu te consagro.

« Deixo-te, pois, meu retrato, meus cabellos e minha historia: guarda-os como uma lembrança e pensa algumas vezes em mim; beija esta folha muda, onde os meus labios deixárão-te o adeus extremo.

« Entretanto, meu amigo, se, como tu dizias hontem,

a felicidade é amar e sentir-se amado; se te achas com forças de partilhar essa curta existencia, esses poucos dias que me restão a passar sobre a terra, se me queres dar esse consolo supremo, unico que a ainda embellezaria minha vida, vem!

« Sim, vem! iremos pedir ao bello céo da Italia mais alguns dias de vida para nosso amor; iremos onde tu quizeres, ou onde nos levar a Providencia.

« Errantes pelas vastas solidões dos mares ou pelos cimos elevados das montanhas, longe do mundo, sob o olhar protector de Deus, á sombra dos cuidados de nossa mãe, viviremos tanto um como outro, encheremos de tanta affeição os nossos dias, as nossas horas, os nossos instantes, que, por curta que seja a minha existencia, teremos vivido por cada minuto seculos de amor e de felicidade.

« Eu espero; mas temo.

« Espero-te como a flor desfallecida espera o raio do sol que deve aquece-la, a gotta de orvalho que póde anima-la, o halito da briza que vem bafeja-la. Porque para mim o unico céo que hoje me sorri são teus olhos, o calor que póde me fazer viver é o do teu seio.

« Entretanto temo, temo por ti, e quasi peço a Deus que te inspire e te salve de um sacrificio talvez inutil!

« Adeus para sempre, ou até amanhã!

« Carlota. »

VIII

Devorei toda esta carta de um lanço de olhos.

Minha vista corria sobre o papel como o meu pensamento, sem parar, sem hesitar, poderia até dizer sem respirar.

Quando acabei de ler só tinha um desejo: era o de ir ajoelhar-me a seus pés, e receber como uma benção do céu esse amor sublime e santo.

Como sua mãe, lutaria contra o destino, cerca-la-hia de tanto affecto e de tanta adoração, tornaria sua vida tão bella e tão tranquilla, prenderia tanto sua alma á terra, que seria impossivel deixa-la.

Crearia para ella com o meu coração um mundo novo, sem as miserias e as lagrimas deste mundo em que vivemos; um mundo só de ventura, onde a dôr e o soffrimento não pudessem penetrar.

Pensava que devia haver no universo algum logar desconhecido, algum canto de terra ainda puro do halito do homem, onde a natureza virgem conservaria o perfume dos primeiros tempos da creação e o contacto das mãos de Deus quando a formára.

Ahi era impossivel que o ar não desse vida; que o raio do sol não viesse impregnado de um atomo de fogo

celeste; que a agua, as arvores, a terra, cheia de tanta seiva e de tanto vigor, não innoculassem na creatura essa vitalidade poderosa da natureza no seu primitivo esplendor.

Iriamos, pois, a uma dessas solidões desconhecidas; o mundo abria-se diante de nós, e eu sentia-me com bastante força e bastante coragem para levar o meu thesouro além dos mares e das montanhas, até achar um retiro onde esconder a nossa felicidade.

Nesses desertos, tão vastos, tão extensos, não haveria sequer vida bastante para duas creaturas que apenas pedião um palmo de terra e um sopro de ar, afim de poderem elevar a Deus, como uma prece constante, o seu amor tão puro?

Ella dava-me vinte e quatro horas para reflectir, e eu não queria nem um minuto, nem um segundo.

Que me importavão o meu futuro e a minha existencia se eu os sacrificaria de bom grado para dar-lhe mais um dia de vida?

Todas estas idéas, minha prima, cruzavão-se no meu espirito rapidas e confusas, emquanto eu fechava na caixinha de pão-setim os objectos preciosos que ella encerrava, copiava na minha carteira a sua morada, escripta no fim da carta, e atravessava o espaço que me separava da porta do hotel.

Ahi encontrei o criado da vespera.

— A que horas parte a barca da Estrella?

— Ao meio dia.

Erão 11 horas; no espaço de uma hora eu faria as quatro leguas que me separavão daquelle porto.

Lancei os olhos em torno de mim com uma especie de desvario.

Não tinha um throno, como Ricardo III, para offerecer em troca de um cavallo; mas tinha a realeza do nosso seculo, tinha dinheiro.

A dous passos da porta do hotel estava um cavallo, que o seu dono tinha pela redea.

— Compro-lhe este cavallo, disse eu caminhando para elle, sem mesmo perder tempo em comprimenta-lo.

— Não pretendia vende-lo, respondeu-me o homem cortezmente; mas, se o senhor está disposto a dar o preço que elle vale....

— Não questiono sobre o preço; compro-lhe o cavallo arreiado como está.

O sujeito olhou-me admirado; porque, a fallar a verdade, os seus arreios nada valião.

Quanto a mim, já tinha-lhe tomado as redeas da mão; e, sentado no sellim, esperava que me dissesse quanto tinha de pagar-lhe.

— Não repare, fiz uma aposta e preciso de um cavallo para ganha-la.

Isto deu-lhe a comprehender a singularidade do meu acto e a pressa que eu tinha; recebeu sorrindo o preço do seu animal, e disse, saudando-me com a mão de louge, porque já eu dobrava a rua:

— Estimo que ganhe a aposta; o animal é excellente! Na verdade era uma aposta que eu tinha feito comigo mesmo, ou antes com a minha razão, a qual me dizia que era impossivel apanhar a barca, e que eu fazia uma extravagancia sem necessidade, pois bastava ter paciencia por vinte e quatro horas.

Mas o amor não comprehende esses calculos e esses raciocinios, proprios da fraqueza humana; creado com uma particula do fogo divino, elle eleva o homem acima

da terra, desprende-o da argilla que o envolve, e dá-lhe força para dominar todos os obstaculos, para querer o impossivel.

Esperar tranquillamente um dia para ir dizer-lhe que eu amava, e que queria ama-la com todo o culto e admiração que me inspirava a sua nobre abnegação, me parecia quasi uma infamia.

Seria dizer-lhe que tinha refletido friamente, que tinha pesado todos os prós e os contras do passo que ia dar, que havia calculado como um egoista a felicidade que ella me offerencia.

Não só a minha alma se revoltava contra esta idéa; mas parecia-me que ella, com a sua extrema delicadeza de sentimento, embora não se queixasse, sentiria ver-se o objecto de um calculo e o alvo de um projecto de futuro.

A minha viagem foi uma corrida louca, esvairada, delirante. Novo Mazzepa, passava por entre a cerração da manhã, que cobria os pincaros da serra, como uma sombra que fugia rapida e veloz.

Dir-se-hia que alguma rocha collocada em um dos cabeços da montanha tinha-se desprendido do seu alveolo secular, e precipitando-se com todo o peso rolava surdamente pelas encostas.

O galopar do meu cavallo formava um unico som, que ia reboando pelas grotas e cavernas, e confundia-se com o rumor das torrentes.

As arvores, cercadas de nevoa, fugião diante de mim como phantasmas; o chão desaparecia sob os pés do animal; ás vezes parecia-me que a terra ia faltar-me, e que cavallo e cavalleiro rolavão por algum desses abysmos immensos e profundos, que devem ter servido de tumulos titanicos.

Mas de repente, entre uma aberta de nevoeiro, eu via a linha azulada do mar, e fechava os olhos e atirava-me sobre o meu cavallo, gritando-lhe ao ouvido a palavra de Byron: — *Avay!*

Elle parecia entender-me, e precipitava essa corrida desesperada; não galopava, voava; seus pés, como impellidos por quatro molas de aço, nem tocavão a terra.

Assim, minha prima, devorando o espaço e a distancia, foi elle, o nobre animal, abater-se a alguns passos apenas da praia; a coragem e as forças só o tinham abandonado com a vida, e no termo da viagem.

Em pé, ainda sobre o cadaver desse companheiro leal, vi a cousa de uma milha o vapor que singrava ligeiramente para a cidade.

Ahi fiquei perto de uma hora, seguindo com olhos essa barca que a conduzia; e quando o casco desapareceu olhei os frocos de fumaça do vapor, que se enovelavão no ar, e que o vento desfazia a pouco e pouco.

Por fim, quando tudo desapareceu, e que nada me fallava della, olhei ainda o mar por onde havia passado e o horizonte que a occultava aos meus olhos.

O sol dardejava raios de fogo; mas eu bem me importava com o sol; todo o meu espirito e os meus sentidos se concentravão em um unico pensamento; ve-la, ve-la em uma hora, em um momento, se possivel fosse.

Um velho pescador arrastava nesse momento a sua canôa á praia.

Approximei-me e disse-lhe:

— Meu amigo, preciso ir á cidade, perdi a barca, e desejava que você me conduzisse na sua canôa.

— Mas se eu agora mesmo é que chego!

— Não importa; pagarei o seu trabalho, e também o incommodo que isto lhe causa.

— Não posso, não, senhor, não é lá pela paga que eu digo que estou chegando; mas é que passar a noite no mar sem dormir não é lá das melhores cousas; e estou cahindo de somno.

— Escute, meu amigo....

— Não se canse, senhor; quando eu digo não, é não: e está dito.

E o velho continuou a arrastar a sua canôa.

— Bem, não fallemos mais nisto; mas conversemos.

— Lá isto como o senhor quizer.

— A sua pesca rende-lhe bastante?

— Qual! rende nada!...

— Ora diga-me! Se houvesse um meio de fazer-lhe ganhar em um só dia o que póde ganhar em um mez não engeitaria de certo?

— Isto é cousa que se pergunte?

— Quando mesmo fosse preciso embarcar depois de passar uma noite em claro no mar?

— Ainda que devesse remar tres dias com tres noites, sem dormir nem comer.

— Nesse caso, meu amigo, prepare-se, que vai ganhar o seu mez de pescaria; leve-me á cidade.

— Ah! isto já é outro fallar; porque não disse logo?..

— Era preciso explicar-me?!

— Bem diz o ditado que é fallando que a gente se entende.

— Assim, é negocio decidido. Vamos embarcar?

— Com licença; preciso de um instantinho para prevenir a mulher; mas é um passo lá e outro cá.

— Olhe, não se demore; tenho muita pressa.

— É em um fechar de olhos, disse elle correndo na direcção da villa.

Mal tinha feito vinte passos, parou, hesitou, e por fim voltou lentamente pelo mesmo caminho.

Eu tremia; julgava que se tinha arrependido, que vinha apresentar-me alguma nova difficuldade. Chegou-se para mim de olhos baixos e coçando a cabeça.

— O que temos, meu amigo? perguntei-lhe com uma voz que me esforçava por tomar calma.

— É que... o senhor disse que pagava um mez...

— De certo; e, se duvida, disse levando a mão ao bolso.

— Não, seuhor, Deus me defenda de desconfiar do senhor! Mas é que... sim, não vê, o mez agora tem menos um dia que os outros!

Não pude deixar de sorrir-me do temor do velho; nós estávamos com effeito no mez de fevereiro.

— Não se importe com isto; está entendido que quando eu digo um mez é um mez de trinta e um dias; os outros são mezes aleijados, e não se contão.

— E' isso mesmo, disse o velho rindo-se da minha idéa; assim como quem diz um homem sem um braço. Ah!... ah!...

E continuando a rir-se, tomou o caminho de casa e desapareceu.

Quanto a mim, estava tão contente com a idéa de chegar á cidade em algumas horas que não pude deixar tambem de rir-me do character original do pescador.

Conto-lhe estas scenas e as outras que se lhe seguirão com todas as suas circumstancias por duas razões, minha prima.

A primeira é porque desejo que comprehenda bem

o drama simples que me propuz traçar-lhe; a segunda é porque tenho tantas vezes repassado na memoria as menores particularidades dessa historia, tenho ligado de tal maneira o meu pensamento a essas reminiscencias, que não me animo a destacar dellas a mais insignificante circumstancia; parece-me que se o fizesse separaria uma parella de minha vida.

Depois de duas horas de espera e de impaciencia, embarquei nessa casquinha de noz, que saltou sobre as ondas, impellido pelo braço ainda forte e agil do velho pescador.

Antes de partir fiz enterrar o meu pobre cavallo; não podia deixar assim exposto ás aves de rapina o corpo desse nobre animal, que eu tinha roubado á affeição do seu dono, para immola-lo á satisfação de um capricho meu.

Talvez lhe pareça isto uma puerilidade; mas a senhora é mulher, minha prima, e deve saber que, quando se ama como eu amava, tem-se o coração tão cheio de affeição, que espalha uma atmosfera de sentimento em torno de nós, e inunda até os objectos inanimados, quanto mais as creaturas ainda irrationaes, que um momento se ligarão á nossa existencia para realização de um desejo.

IX

Erão 6 horas da tarde.

O sol declinava rapidamente, e a noite, descendo do céo, envolvia a terra nas sombras desmaiadas que acompanhão o occaso.

Soprava uma forte viração de sudoeste, que desde o momento da partida retardava a nossa viagem; lutavamos contra o mar e o vento.

O velho pescador, morto de fadiga e de somno, estava exausto de forças; a sua pá, que a principio fazia saltar sobre as ondas como um peixe o fragil barquinho, apenas feria agora a flór da agua.

Eu, recostado na pôpa, e com os olhos fitos na linha azulada do horizonte, esperando a cada momento ver desenhar-se o perfil do meu bello Rio de Janeiro, começava seriamente a inquietar-me da minha extravagancia e da minha loucura.

A' proporção que declinava o dia e que as sombras cobrião o céo esse vago inexprimivel da noite no meio das ondas, essa tristeza e melancolia que infunde o sentimento da fraqueza do homem em face dessa solidão immensa de agua e de céo, se apoderavão do meu espirito.

Pensava então que teria sido mais prudente esperar o dia seguinte, e fazer uma viagem breve e rápida, do que sujeitar-me a mil contratempos e mil embaraços, que no fim de contas nada adiantavão.

Com effeito já tinha anoitecido; e, ainda que conseguissemos chegar á cidade por volta de 9 ou 10 horas, só no dia seguinte poderia ver Carlota e fallar-lhe.

De que havia servido, pois, todo o meu arrebatamento, toda a minha impaciencia? Tinha morto um animal, tinha incommodado um pobre velho, tinha atirado ás mãos cheias dinheiro, que poderia melhor empregar soccorrendo algum infortunio, e cobrindo esta obra de caridade com o nome e a lembrança della.

Concebia uma triste idéa de mim; no meu modo de ver então as cousas, parecia-me que eu tinha feito do amor, que é uma sublime paixão, apenas uma estúpida mania; e dizia interiormente que o homem que não domina os seus sentimentos é um escravo, que não tem o menor merecimento quando pratica um acto de dedicação.

Tinha-me tornado philosopho, minha prima, e de certo comprehenderá a razão.

No meio da bahia, mettido em uma canôa, á mercê do vento e do mar, não podendo dar largas á minha impaciencia de chegar, não havia senão um modo de sahir desta situação, e este era arrepender-me do que tinha feito.

Se eu pudesse fazer alguma nova loucura creio piamente que adiaria o arrependimento para mais tarde: porém era impossivel.

Tive um momento a idéa de atirar-me á agua, e procurar vencer a nado a distancia que me separava

della; mas era noite, não tinha a luz de *Hero* para guiar-me, e me perderia nesse novo Hellesponto.

Foi de certo uma inspiração do céu ou o meu anjo da guarda que me veio advertir que naquella occasião eu nem sabia mesmo de que lado ficava a cidade.

Resignei-me, pois, e arrependi-me sinceramente.

Dividi com o meu companheiro algumas provisões que tínhamos trazido; e fizemos uma verdadeira collação de contrabandistas ou piratas.

Cahi na asneira de obriga-lo a beber uma garrafa de vinho do Porto, bebendo eu outra para acompanhá-lo e fazer-lhe as honras da hospitalidade. Julgava que deste modo elle restabeleceria as forças e chegaríamos mais depressa.

Tinha-me esquecido que a sabedoria das nações, ou a sciencia dos proverbios, consagra o principio de que de vagar se vai ao longe.

Acabada a nossa magra collação, o pescador começou a remar com uma força e um vigor que me reanimarão a esperança.

Assim, docemente embalado pela idéa de vê-la e pelo marulho das ondas, com os olhos fitos na estrella da tarde, que ia sumir-se no horizonte e que me sorria como para consolar-me, senti a pouco e pouco fechar-se-me as palpebras, e dormi.

Quando acordei, minha prima, o sol derramava seus raios de ouro sobre o manto azulado das ondas: era dia claro.

Não sei onde estávamos; via ao longe algumas ilhas: o pescador dormia na prôa, e resonava como um bote.

A canôa tinha vogado á merce da corrente; e o remo, que cahira naturalmente das mãos do velho, no momento

em que elle cedêra á força invencivel do somno, tinha desaparecido.

Estavamos no meio da bahia, sem poder dar um passo, sem poder mover-nos.

Aposto, minha prima, que a senhora acaba de dar uma risada, pensando na comica posição em que me achava; mas seria uma injustiça zombar de uma dôr profunda, de uma angustia cruel como a que soffri então.

Os instantes, as horas, corrião de decepção em decepção; alguns barcos que passarão perto, apesar dos nossos gritos, seguirão o seu caminho, não podendo suppor que com o tempo calmo e sereno que fazia houvesse sombra de perigo para uma canôa que boiava tão levemente sobre as ondas.

O velho, que tinha acordado, nem se desculpava; mas a sua afflicção era tão grande que quasi me commoveu; o pobre homem arrancava os cabellos e mordida os beiços de raiva.

As horas corrêrão assim nessa atonia do desespero. Sentados em face um do outro, talvez culpando-nos mutuamente do que succedia, não proferiamos uma palavra, não faziamos um gesto.

Por fim veiu a noite. Não sei como não fiquei louco lembrando-me que estavamos a 13, e que o paquete devia partir no dia seguinte.

Não era unicamente a idéa de uma ausencia que me affligia; era tambem a lembrança do mal que ia causar-lhe, a ella, que, ignorando o que se passava, me julgaria egoista, supporia que a havia abandonado, e que ficára em Petropolis divertindo-me.

Aterrava-me com as consequencias que poderia ter

esse facto sobre a sua saude tão fragil, sobre a sua vida; e me condemnava já como assassino.

Lancei um olhar allucinado sobre o pescador, e tive impetos de abraça-lo e atirar-me com elle ao mar.

Oh! como sentia então o nada do homem e a fraqueza da nossa raça, tão orgulhosa de sua superioridade e do seu poder!

De que me servião a intelligencia, a vontade, e essa força invencivel do amor, que me impellia e me dava coragem para arrostar vinte vezes a morte?

Algumas braças d'agua e uma pequena distancia me retinhão e me encadêavão naquelle logar como a um poste; a falta de um remo, isto é, de tres palmos de madeira, creava para mim o impossivel; um circulo de ferro me cingia, e para quebrar essa prisão, contra a qual toda a minha razão era impotente, bastava-me que fosse um ente irracional.

A gaivota, que frisava as ondas com a ponta de suas azas brancas; o peixe, que fazia scintillar um momento seu dorso de escamas á luz das estrellas; o insecto, que vivia no seio das aguas e plantas marinhas, erão reis dessa solidão, na qual o homem não podia sequer dar um passo.

Assim, blasphemando contra Deus e sua obra, sem saber o que fazia nem o que pensava, entreguei-me á Providencia; embrulhei-me no meu capote, deitei-me e fechei os olhos, para não ver a noite adiantar-se, as estrellas empallidecerem e o dia raiar.

Tudo estava sereno e tranquillo; as aguas nem se movião; apenas sobre a face lisa do mar passava uma aragem tenue, que dir-se-hia o halito das ondas adormecidas.

De repente pareceu-me sentir que a canôa deixára de boiar á discrição e singrava lentamente; julgando que fosse illusão minha, não me importei, até que um movimento continuo e regular convenceu-me.

Afastei a aba do capote e olhei, receiando ainda illudir-me: não vi o pescador, mas a alguns passos da prôa percebi os rolos de espuma que formava um corpo agitando-se nas ondas.

Approximei-me, e distingui o velho pescador, que nadava, puxando a canôa por meio de uma corda que amarrára á cintura, para deixar-lhe os movimentos livres.

Admirei essa dedicação do pobre velho, que procurava remediar a sua falta por um sacrificio que eu suppunha inutil: não era possível que um homem nadasse assim por muito tempo.

Com effeito, passados alguns instantes, vi-o parar e saltar ligeiramente na canôa como temendo acordar-me; a sua respiração fazia uma especie de borborinho no seu peito largo e forte.

Bebeu um trago de vinho, e com o mesmo cuidado deixou-se cahir n'agua e continuou a puxar a canôa.

Era alta noite quando nesta marcha chegámos a uma especie de praia, que teria quando muito duas braças. O velho saltou e desapareceu.

Fitando a vista nas trevas, vi uma claridade, que não pude distinguir se era fogo, se luz, senão quando uma porta abrindo-se deixou-me ver o interior de uma cabana.

O velho voltou com um outro homem, sentárão-se sobre uma pedra e começárão a fallar em voz baixa. Senti uma grande inquietação; na verdade, minha prima,

só me faltava para completar a minha aventura uma historia de ladrões.

A minha suspeita, porém, era injusta; os dous pescadores estavam á espera de dous remos que lhes trouxe uma mulher, e immediatamente embarcárão e começárão a remar com uma força espantosa.

A canôa resvalou sobre as ondas, agil e veloz como um desses peixes de que ha pouco invejava a rapidez.

Ergui-me para agradecer a Deus, ao céo, ás estrellas, ás aguas, a toda a natureza emfim, o raio de esperanza que me enviavão.

Uma facha escarlata já se desenhava no horizonte; o oriente foi-se esclarecendo de gradação em gradação, até que deixou ver o disco luminoso do sol.

A cidade começou a erguer-se do seio das ondas, linda e graciosa, como uma donzella que, recostada sobre um monte de relva, banhasse os pés na corrente limpida de um rio.

A cada movimento de impaciencia que eu fazia os dous pescadores dobravão-se sobre os remos e a canôa voava. Assim nos approximámos da cidade, passámos entre os navios, e nos dirigimos á Gloria, onde pretendia desembarcar, para ficar mais proximo de sua casa.

Em um segundo tinha tomado a minha resolução; chegar, vê-la, dizer-lhe que a seguia, e embarcar-me nesse mesmo paquete em que ella ia pártir.

Não sabia que horas erão; mas a pouco havia amanhecido; tinha tempo para tudo, tanto mais que eu só precisava de uma hora. Um credito sobre Londres e a minha mala de viagem erão todos os meus preparativos: podia acompanhá-la ao fim do mundo.

Já via tudo côr de rosa; sorria á minha ventura e

gozava da alegre surpresa que ia causar-lhe, a ella que já não me esperava.

A surpresa, porém, foi minha.

Quando passava diante de Villegagnon descobri de repente o paquete inglez: as pás se movião indolentemente, e imprimião ao navio essa marcha vagarosa do vapor, que parece experimentar as suas forças, para precipitar-se a toda a carreira.

Carlota estava sentada sob a tolda, com a cabeça encostada ao hombro de sua mãe, e com os olhos engolfados no horizonte, que occultava o lugar onde tínhamos passado a primeira e ultima hora de felicidade.

Quando me viu fez um movimento, como se quizesse lançar-se para mim; mas conteve-se, sorriu-se para sua mãe, e, cruzando as mãos no peito, ergueu os olhos ao céo, como para agradecer a Deus, ou para dirigir-lhe uma prece.

Trocámos um longo olhar, um desses olhares que levão toda a nossa alma e a trazem ainda palpitante das emoções que sentiu n'outro coração: uma dessas correntes electricas que ligão duas vidas em um só fio.

O vapor soltou um gemido surdo; as rodas fendêrão as aguas; e o monstro marinho, rugindo como uma cratera, vomitando fumo e devorando o espaço com os seus flancos negros, lançou-se.

Por muito tempo ainda vi o seu lenço branco agitar-se ao longe, como as azas brancas do meu amor, que fugia e voava ao céo.

O paquete sumiu-se no horizonte.

O resto desta historia, minha prima, a senhora conhece, com excepção de algumas particularidades.

Vivi um mez, contando os dias, as horas e os minutos; o tempo corria vagarosamente para mim, que desejava poder devora-lo.

Quando tinha durante uma manhã inteira olhado o seu retrato, conversado com elle, e lhe contado a minha impaciencia e o meu soffrimento, começava a calcular as horas que faltavão para acabar o dia, os dias que faltavão para acabar a semana, e as semanas que ainda faltavão para acabar o mez.

No meio da tristeza que me causára a sua ausencia, o que me deu um grande consolo foi uma carta que ella me havia deixado, e que me foi entregue no dia seguinte ao da sua partida.

« Bem vês, meu amigo, dizia-me ella, que Deus não quer aceitar o teu sacrificio. Apesar de todo o teu amor, apesar de tua alma, elle impediu a nossa união; poupou-te um soffrimento e a mim talvez um remorso.

« Sei tudo quanto fizeste por miuha causa, e adivinbo o resto; parto triste por não te ver, mas bem feliz por sentir-me amada, como nenhuma mulher talvez o seja neste mundo. »

Esta carta tinha sido escripta na vespera da sahida do paquete: um criado que viera de Petropolis, e a quem ella incumbira de entregar-me a caixinha com o seu retrato, contou-lhe metade das extravagancias que eu praticára para chegar á cidade no mesmo dia.

Disse-lhe que me tinha visto partir para a Estrella, depois de perguntar a hora da sahida do vapor; e que em baixo da serra referirão-lhe como eu tinha morto um cavallo para alcançar a barca, e como me embarcára em uma canôa.

Não me vendo chegar, ella adivinhára que alguma difficuldade invencivel me retinha, e attribuia isto á vontade de Deus, que não consentia no meu amor.

Entretanto, lendo e relendo a sua carta, uma cousa me admirou; ella não me dizia um adeus, apezar de sua ausencia e apezar da molestia, que podia tornar essa ausencia eterna.

Tinha-me adivinhado! Ao mesmo tempo que fazia por me dissuadir estava convencida que a acompanharia.

Com effeito parti no paquete seguinte para a Europa.

Ha de ter ouvido fallar, minha prima, se é que ainda não o sentiu, da força dos presentimentos do amor, ou da segunda vista que tem a alma nas suas grandes affeições.

Vou contar-lhe uma circumstancia que confirma este facto.

No primeiro logar onde desembarquei, não sei que instincto, que revelação, me fez correr immediatamente ao correio: parecia-me impossivel que ella não tivesse deixado alguma lembrança para mim.

E de facto em todos os portos da escala do vapor

havia uma carta que continha duas palavras apenas:

« Sei que tu me segues. Até logo. »

Emfim cheguei á Europa e vi-a. Todas as minhas loucuras e os meus soffrimentos foram compensados pelo sorriso de inexprimivel gozo com que me acolheu.

Sua mãe dizia-lhe que eu ficaria no Rio de Janeiro, mas ella nunca duvidára de mim! Esperava-me como se a tivesse deixado na vespera, promettendo voltar.

Encontrei-a muito abatida da viagem; não soffria, mas estava pallida e branca como uma dessas *Madonas* de Raphael, que vi depois em Roma.

A's vezes uma languidez invencivel a prostrava; nesses momentos um quer que seja de celeste e vaporoso a cercava, como se a alma exhalando-se envolvesse o seu corpo.

Sentado ao seu lado, ou de joelhos a seus pés, passava os dias a contemplar essa agonia lenta; sentia-me morrer gradualmente, á semelhança de um homem que vê os ultimos clarões da luz que vai extinguir-se e deixa-lo nas trevas.

Uma tarde que ella estava ainda mais fraca tinhamos nos chegado para a varanda.

A nossa casa em Napoles dava sobre o mar; o sol, transmontando, escondia-se nas ondas: um raio pallido e descorado veio enfiar-se pela nossa janella e brincar sobre o rosto de Carlota, sentada ou antes deitada em uma conversadeira.

Ella abriu os olhos um momento e quiz sorrir; seus labios nem tinham força para desfolhar o sorriso.

As lagrimas saltarão-me dos olhos; havia muito que eu tinha perdido a fé, mas conservava ainda a

esperança; esta desvaneceu-se com aquelle reflexo do acaso, que me parecia o seu adeus á vida.

Sentindo as minhas lagrimas molharem as suas mãos, que eu beijava, ella voltou-se e fixou-me com os seus grandes olhos languidos.

Depois, fazendo um esforço, reclinou-se para mim e apoiou as mãos sobre o meu hombro.

— Meu amigo, disse ella com voz debil, vou te pedir uma cousa, a ultima. Tu me promettes cumprir?

— Juro, respondi-lhe eu com a voz cortada pelos soluços.

— Daqui a bem pouco tempo... daqui a algumas horas talvez... Sim! sinto faltar-me o ar!...

— Carlota!...

— Soffres, meu amigo! Ah! se não fosse isto eu morreria feliz.

— Não falles em morrer!

— Pobre amigo, em que deverei fallar então? Na vida?... Mas não vês que a minha vida é apenas um sopro... um instante que breve terá passado?

— Tu te illudes, minha Carlota.

Ella sorriu tristemente.

— Escuta, quando sentires a minha mão gelada, quando as palpitações do meu coração cessarem, promettes receber nos teus labios a minha alma?

— Meu Deus!...

— Promettes? sim?...

— Sim.

Ella tornou-se livida; sua voz suspirou apenas:

— Agora!...

Apertei-a ao peito e collei os meus labios aos seus. Era o primeiro beijo de nosso amor, beijo casto e puro, que a morte ia sanctificar.

Sua frente se tinha gelado, não sentia a sua respiração nem as pulsações de seu seio.

De repente ella ergueu a cabeça. Se visse, minha prima, que reflexo de felicidade e alegria illuminava nesse momento o seu rosto pallido!

— Oh! quero viver! exclamou ella.

E com os labios entreabertos aspirou com delicia a aura impregnada de perfumes que nos enviava o golpho de Ischia.

Desde esse dia foi pouco a pouco restabelecendo-se, ganhando as forças e a saude; sua belleza reanimava-se e expandia-se como um botão que por muito tempo privado de sol se abre em flôr viçosa.

Esse milagre, que ella sorrindo e corando attribuia ao meu amor, foi-nos um dia explicado bem prosaicamente por um medico allemão, que fez-nos uma longa dissertação a respeito de medicina.

Segundo elle dizia, a viagem tinha sido o unico remedio, e o que nós tomavamos por um estado mortal não era senão a crise que se operava, crise perigosa, que podia mata-la, mas que felizmente a salvou.

Casámo-nos em Florença na igreja de Santa Maria Novella.

Percorrêmos a Allemanha, a França, a Italia e a Grecia; passámos um anno nessa vida errante e nomade, vivendo do nosso amor e alimentando-nos de musica, de recordações historicas, de contemplações de arte.

Creámos assim um pequeno mundo, unicamente

nosso; depositámos nelle todas as bellas reminiscências de nossas viagens, toda a poesia dessas ruínas seculares em que as gerações que morrerão fallão ao futuro pela voz do silencio: todo o enlevo dessas vastas e immensas solidões do mar, em que a alma, dilatando-se no infinito, sente-se mais perto de Deus.

Trouxemos das nossas peregrinações um raio do sol do Oriente, um reflexo da lua de Napoles, uma nesga do céu da Grecia, algumas flôres, alguns perfumes, e com isto enchêmos o nosso pequeno universo.

Depois, como as andorinhas que voltão com a primavera para fabricar o seu ninho no campanario da capellinha em que nascêrão, apenas ella recobrou a saude e as suas bellas côres, viemos procurar em nossa terra um cantinho para esconder esse mundo que havíamos creado.

Achámos na quebrada de uma montanha um lindo retiro, um verdadeiro berço de relva suspenso entre o céu e a terra por uma ponta de rochedo.

Ahí abrigámos o nosso amor e vivêmos tão felizes que só pedimos a Deus que nos conserve o que nos deu: a nossa existencia é um longo dia, calmo e tranquillo, que começou *hontem*, mas que não tem *amanhã*.

Uma linda casa, toda alva e louçã, um pequeno rio saltitando entre as pedras, algumas braças de terra, sol, ar puro, arvores, sombras,—eis toda a nossa riqueza.

Quando nos sentimos fatigados de tanta felicidade, ella arvora-se em dona de casa, ou vai cuidar de suas flôres; eu fecho-me com os meus livros e passo o dia

a trabalhar. São os unicos momentos em que não nos vemos.

Assim, minha prima, como parece que neste mundo não póde haver um amor sem o seu receio e a sua inquietação, nós não estamos isentos dessa fraqueza.

Ella tem ciumes de meus livros, como eu tenho de suas flôres. Ella diz que a esqueço para trabalhar; eu queixo-me de que ella ama as suas violetas mais do que a mim.

Isto dura quando muito um dia; depois vem sentar-se ao meu lado e dizer-me ao ouvido a primeira palavra que balbuciou o nosso amor:—*Non ti scordar di me.*

Olhamo-nos, sorrimos e recomeçamos essa historia que lhe acabo de contar, e que é ao mesmo tempo o nosso romance, o nosso drama e o nosso poema.

Eis, minha prima, a resposta á sua pergunta: eis porque esse moço elegante, como teve a bondade de chamar-me, fez-se provinciano e retirou-se da sociedade, depois de ter passado um anno na Europa.

Podia dar-lhe outra resposta mais breve, e dizer-lhe simplesmente que tudo isto succedeu porque me atrazei *cinco minutos.*

Desta pequena causa, desse grão de aréa, nasceu a minha felicidade; delle podia resultar a minha desgraça. Se tivesse sido pontual como um inglez não teria tido uma paixão nem feito uma viagem; mas ainda hoje estaria perdendo o meu tempo a passeiar pela rua do Ouvidor e a ouvir fallar de politica e theatro.

Isto prova que a pontualidade é uma excellente virtude para uma machina; mas um grave defeito para um homem.

Adeus, minha prima. Carlota impacienta-se, porque

ha muitas horas que lhe escrevo: não quero que ella tenha ciumes desta carta e que me prive de envia-la.

Minas, 12 de agosto.

★

Abaixo da assignatura havia um pequeno *post scriptum* de uma letra fina e delicada:

« P. S.—Tudo isto é verdade, D***, menos uma cousa.

« Elle não tem ciumes de minhas flôres, nem podia ter, porque sabe que só quando seus olhos não me procurão é que vou visita-las e pedir-lhes que me ensinem a fazer-me bella para agrada-lo.

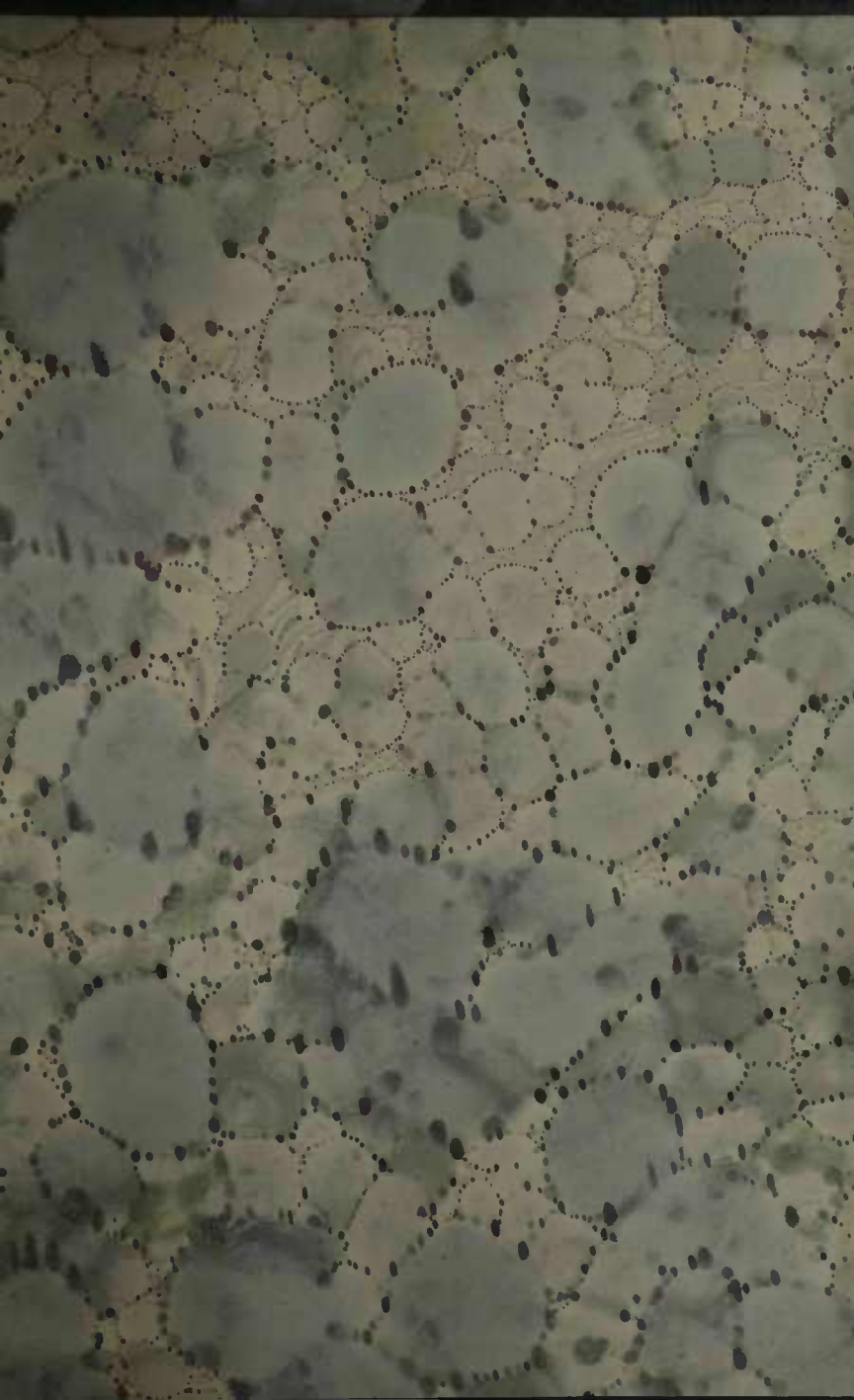
« Nisto enganou-a; mas eu vingo-me roubando-lhe um dos meus beijos, que lhe envio nesta carta.

« Não o deixe fugir, prima; iria talvez revelar a nossa felicidade ao mundo invejoso.

« CARLOTA. »







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).